

# PROUST MAGAZINE

LITERATURA • MEMÓRIA • REFLEXÃO



PRIMEIRA EDIÇÃO  
/ JULHO 2026

RESGATANDO TEMPO, CONSTRUINDO LEGADO.  
CONTOS, POEMAS E MEMÓRIAS SELECIONADOS DO PÚBLICO.



PROUST.EDITORIA



[WWW.PROUSTMAGAZINE.ORG](http://WWW.PROUSTMAGAZINE.ORG)



@PROUST.EDITORIA

## **EXPEDIENTE**

Primeira Edição – Julho de 2026

Periodicidade: Mensal

### **DIREÇÃO EDITORIAL**

Editor-Chefe: *Youssef Bouguerra*

### **CONSELHO EDITORIAL**

*Myriam Abdelmoula · Sofia de Mello Pimentel Bouguerra*

### **PRODUÇÃO E DESIGN**

Projeto Gráfico e Diagramação: *Youssef Bouguerra*

Revisão de Texto: *Youssef Bouguerra* e Autores

### **CONTATO**

[www.proustmagazine.org](http://www.proustmagazine.org) · [editor@proustmagazine.org](mailto:editor@proustmagazine.org)

Instagram: [@proust.editora](https://www.instagram.com/proust.editora)

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

Esta edição conta com artes visuais desenvolvidas com o auxílio de IA.

---

---

# EDITORIAL

---

---

Sejam muito bem-vindas e muito bem-vindos à primeira edição da nossa revista literária! Foi com grande surpresa, e ânimo, que recebi mais de 100 submissões ao Edital Permanente recentemente lançado, superando todas minhas expectativas. É reconfortante notar que a palavra escrita ainda tem seu lugar no coração das pessoas. Ia escrever “no coração dos Brasileiros”, mas teria sido uma omissão: nesta edição, poderão apreciar uma diversidade de vozes vindo não somente do Brasil, mas também de Angola, França, Itália, Portugal e Tunísia.

Selecionar os textos aqui apresentados foi um processo difícil, envolvendo escolhas objetivas e outras, inevitavelmente, subjetivas. A intenção da revista é focar em contos, poemas e memórias – abri algumas exceções para textos de outros gêneros que se destacaram nitidamente pela sua qualidade literária.

Falando em intenção, alguns valores pessoais guiaram toda a ideia da revista, desde sua concepção até este momento de primeira publicação: a expressão criativa livre, o desafio intelectual, o conhecimento compartilhado e o propósito de deixar um legado. Espero ter sido fiel a estes valores nas minhas escolhas.

Os textos escolhidos dialogam com temas variados, mas, em conjunto, constroem um todo cujo fio condutor é a natureza da memória e a passagem do tempo. Alguns textos ecoam Proust de maneira explícita, por exemplo as *Madeleines* (*Comer memórias*), o tempo e a finitude (*Ordenaydas e abxissas*), os códigos sociais e as motivações ocultas nos encontros humanos (*Gramática*) e o isolamento (*Minha Sibéria*). Em destaque, contudo, o texto *A mancha amarela* surge repleto de referências proustianas. Boa leitura!

**Youssef Bouguerra**

# *Fragments*

EDITORIAL.....	3
Batuque.....	7
Maldita abóbora.....	12
Ordenaydas e abxissas.....	17
O tempo.....	21
Minha Sibéria.....	23
Superfície de atrito.....	27
Deus descontinuado.....	32
Quando chega o outono.....	39
53.....	42
Vazio.....	46
Comer memórias.....	49
Caderno de receitas (Receituário).....	52
O observador humanoide.....	59
Anônimo.....	63
Um querer.....	64
Esperança.....	65
Agrilhado.....	66
Gênesis literário.....	68
Gramática.....	70
Minha humilde prece.....	77
A mancha amarela.....	80

Da arte.....	88
Alegria do mar.....	92
Despedaçado.....	93
Amor que se faz.....	98



*Alberto  
Arecchi*

# Batuque

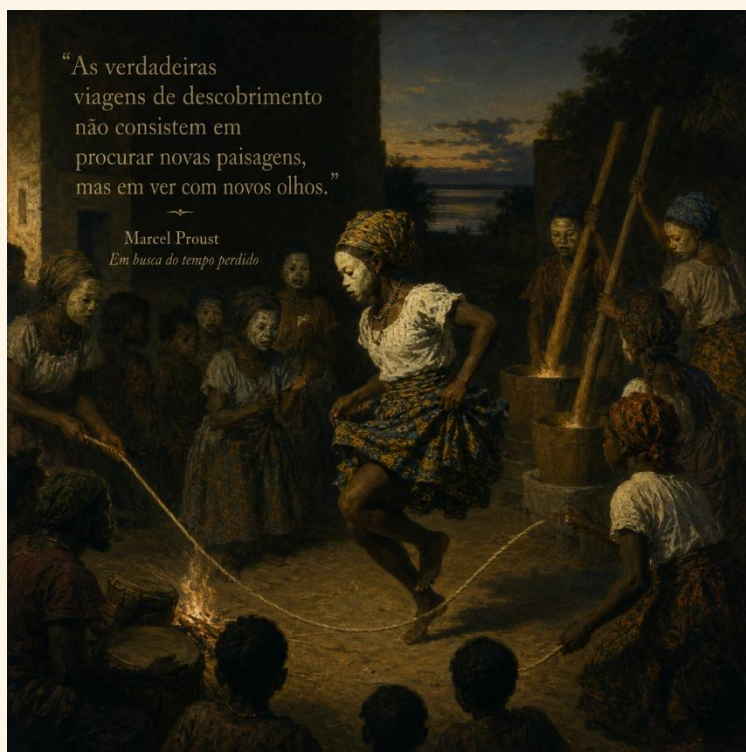
Ritmo de batuque batendo no ar da noite.  
Iniciou cedo. Ao sair da escola,  
as meninas começaram a pular  
batendo o ritmo com as mãos.  
Meninas de idades diversas  
sacudiam suas pernas  
batendo sobre o fio da corda  
que andava à roda.  
Máscaras brancas de ocre no rosto,  
quase fantasmas saindo  
das vagas do mar.  
Faziam as capulanas subir até os quadris  
batendo os pés ao ritmo dos palmos.  
O batuque durou horas, nem sabias  
se chamá-lo de dança ou de brincadeira.  
As garotas se revezaram para pular na corda,  
enquanto duas companheiras  
estavam girando-a sempre mais rápida,  
imitadas pelas irmãs mais velhas  
e pelas mães, com crianças pequenas  
penduradas às costas,  
até por algumas avós desdentadas.  
Bastavam as mãos, duas varelas,  
para fazer o ritmo.  
A corda rodeava mais e mais rápida,  
rente o chão, enquanto os pés da bailarina  
mal se moviam, rastejando, rápidos.  
Apenas parecia levantar os quadris,  
tremendo, com uma rápida,  
quase imperceptível oscilação,  
que permitia não tropeçar na medula.

Nas casas, os pilões a bater o ritmo  
nos almofarizes com dura, milho e mandioca  
para fazer farinha.  
O pilão voando, as mulheres batendo as palmas,  
antes de puxá-lo de volta no almofariz.  
Umhas mulheres, de vez em quando,  
jogavam um solo.  
Aceleravam o ritmo, como querendo  
esmagar todo o milho da região.  
A casca de milho voava  
por fora do almofariz.  
O pilão pulava ágil, voava para o céu,  
e ficava suspenso,  
enquanto a mulher batia os palmos.  
Uma vez, duas, três.  
As outras mulheres, também,  
ao redor dela, batendo palmos.  
Os jogadores de tambores  
acendiam fogo de palha,  
para aquecer as peles  
reforçando o som dos instrumentos.  
Quando os tambores foram afinados,  
jogando cada vez mais penetrantes,  
uma multidão de crianças  
cercou os músicos,  
dançando sem parar.  
O sol estava se pondo,  
os ruídos do dia davam lugar  
aos murmúrios da noite.  
As sombras eram mais compridas  
e a luz tornava-se avermelhada.  
O ritmo acalmou um pouco.  
Após, como fogo de brasas,  
pareceu que se recuperasse

com a brisa da noite.  
Agora era o ritmo insistente  
do tambor de axila,  
que havia encontrado o seu tom e insistia,  
em uma sequela de batimentos frenéticos,  
como quisesse acabar  
com a pele do instrumento  
ou com a vara de percussão.  
Logo depois era o tambor grande,  
batido com os palmos das mãos,  
e os meninos recomeçaram  
o rastreamento de pés no pó,  
levantando os joelhos,  
contorcendo-se inquietos sem parar.  
Na noite ressoaram as vozes metálicas  
das mulheres da aldeia.  
Cantavam e contavam baladas  
de dias passados, quando o povo  
reinava sobre a terra,  
antes que os brancos chegassem.  
Cantavam os feitos heroicos  
de reis e marinheiros,  
que tinham enfrentado  
as hordas de leões  
e as vagas do mar.  
Também cantavam tristes histórias  
de guerra, de morte, de emigração.  
Cantavam todo o sofrimento do povo.  
Em meu coração,  
tocavam as vozes guturais  
junto com as percussões frenéticas  
e inquietantes, que enchiam a noite,  
como se chegassem  
da profundez dos séculos... era batuque.



Alberto Arecchi (1947) é um arquiteto italiano. Tem longa experiência em projetos de cooperação para o desenvolvimento em África. Presidente da Associação Cultural Liutprand ([www.liutprand.it](http://www.liutprand.it)). Escreve contos e poemas em italiano, português, espanhol, catalão e francês.





*Alexandre  
Fleury*

# Maldita abóbora

Nunca imaginei que uma abóbora se transformaria em um problema na minha vida. Sim, uma abóbora. daquelas chamadas morangas, com formato globular achatado, gomos definidos e casca laranja.

Tarde de domingo. Lá estávamos nós na quermesse da igreja do bairro, prontos para o almoço beneficente e o famoso bingo, aquele que arrasta jogadores animados a cada nova pedra cantada.

Fefa, nossa filha, aos seus oito anos, insistia em ter sua própria cartela e fazer parte da brincadeira. Sou psicóloga e, naquele momento, meu ímpeto era que ela pudesse entender algo do mundo dos adultos. Inconscientemente, também era uma forma de eu ter um momento de lazer, sem seus pedidos constantes de atenção.

Os prêmios eram aqueles típicos de doações dos fiéis da igreja: caixas de sabonete, cestas de

comida, eletrodomésticos, kits de cozinha e ela... a abóbora.

Com os ouvidos atentos a cada número e os olhos firmes na cartela, Fefa se animava com os feijões entre os dedos. Enquanto bebia um quentão, escutei-a dizer algo que não compreendi. Perguntei o que precisava, e ela respondeu baixinho:

— Bingo.

Breno, meu marido, que acompanhava uma partida de futebol no rádio, cortou o ambiente ao gritar que Fefa havia ganhado. Envolta por aplausos e boas risadas, ela subiu ao palco com o pai para receber seu prêmio.

A maldita devia pesar uns três quilos, mas Fefa a agarrou com força e, com a ajuda de Breno, voltou para a mesa. Como já havia ganhado, resolveu não continuar o jogo e passou a cochichar para a abóbora — típica brincadeira de crianças daquela idade.

Em casa, largamos a abóbora no balcão da cozinha e Fefa na cama, já que ela havia dormido durante o trajeto. Em poucos minutos, ouvimos seu choro. Ao chegar no quarto, ela pediu que a abóbora dormisse com ela. Breno tentou desencorajá-la, dizendo que lugar de fruta era na cozinha. Repeti o mesmo.

Desolada, ela disse que não dormiria sozinha.

— Coisa de criança, Breno. Amanhã ela esquece.

A ideia de Fefa era que a fruta ficasse no colchão, ao seu lado. Sugeri que estaria mais cômoda na mesa de cabeceira; assim, poderiam se ver e conversar. Naquele instante, não havia técnica nem teoria: só o instinto de uma mãe rendida.

Ao acordar, Fefa me disse que deu um nome para sua nova amiga: Laranjinha. Maldita Laranjinha. Dou bom dia para a fruta e, feliz, minha filha toma banho e escova os dentes sem reclamar. Uma faísca de algo positivo naquela relação, penso.

Bastaram alguns dias para que Laranjinha conquistasse uma cama improvisada ao lado de Fefa, com uma coberta bordada pela minha sogra. No carrinho, antes reservado para a boneca, ela agora leva a amiga em passeios imaginários pelo jardim. Até para a escola a intrometida foi — sendo ovacionada como mascote da turma.

Como era de se esperar, em poucos dias, o quarto já exalava o cheiro forte da abóbora, que parecia estar madurando. Chamo Fefa para conversar e explico que ela não poderia ficar muito tempo com Laranjinha ao seu lado — por ser uma fruta — e que isso poderia atrair insetos e outros bichos.

Logicamente, o choro e os braços apertados em volta da amiga me impediram de tomar qualquer atitude.

Como estou sozinha em casa, por conta de uma viagem de Breno a trabalho no exterior, não o incomodo com a situação. Ao mesmo tempo, já não tenho mais argumentos com minha filha.

Sonhava com Laranjinha. Sentia seu cheiro pela casa. Elaborei planos maquiavélicos para que, por um descuido, a maldita caísse no chão e se despedaçasse.

Sabia que esse apego da Fefa pela abóbora era uma forma de ela exercitar o afeto e lidar com pequenas inseguranças. Nessa idade, as crianças ainda transitam entre o mundo real e o imaginário, e Laranjinha virou uma espécie de “amiga de transição”.

Conversei com uma colega, especialista em psicologia infantil, sobre a situação. Ela me orientou a não cortar o vínculo de uma vez, mas a preparar o terreno para uma despedida natural — talvez até plantando as sementes da abóbora como um ritual de passagem.

Tentando parecer mais equilibrada com a situação, me aproximo do quarto para sugerir a ideia à Fefa. Ao abrir a porta, o cheiro de podre me nauseia. Em sua cama, Laranjinha agora poderia chamar-se Podrinha.

— Fefa, minha filha, acho que Laranjinha está doente.

Assustada, ela se levanta da cama e, enfim, parece notar o mau cheiro. Com a maior paciência que consigo reunir, começo a falar sobre a vida e a morte, tentando acalmar seu pranto e, quem sabe, me livrar da miserável de uma vez por todas.

Com gritos e choro ensurdecedores nos meus ouvidos, consigo levar Podrinha até a lavanderia e colocá-la dentro de uma sacola plástica — o suficiente para conter o cheiro — até que Breno chegasse à noite para uma despedida em família, antes de eu finalmente arremessá-la na lata de lixo.

Com todos reunidos em volta da desgraçada, Fefa fez um último pedido: uma cerimônia de despedida, com caixão, velas e convidados.

Sim, um velório e enterro para a já podre e condenada abóbora.

Obviamente, o fizemos. Os convidados foram seus bichinhos de pelúcia e bonecas, e uma caixa

serviu como invólucro fúnebre. Enterramos Laranjinha no quintal de casa, enquanto Fefa rezava um Pai-Nosso com a seriedade de quem se despede de um ente querido.

Com o tempo, ela fez novos amigos na escola e se apegou a outros brinquedos — sem traumas e, felizmente, sem pedir uma nova abóbora como substituta.

Um ano após a saga da maldita abóbora, organizo o aniversário de Fefa em nossa casa. Crianças correm pelos cômodos, adultos conversam animados, a música ecoa pelo espaço.

Durante o show do palhaço contratado, todos reunidos no quintal, o infeliz interrompe as

palhaçadas, aponta para a grama e diz:

— Olha só, criançada... parece que está nascendo um brotinho no jardim!

Como um raio, corro até o local, o coração disparado com a possibilidade de que Laranjinha tivesse, de alguma forma, ressuscitado. Sem pensar duas vezes, arranco o broto com as próprias mãos e, com o sorriso mais sereno que consigo forçar, anuncio:

— Relaxem, gente. Era só uma erva daninha.

Todos voltam a festejar. Eu, por dentro, comemoro como quem acabou de exorcizar um demônio.



Alexandre Fleury é escritor, dramaturgo, psicólogo e executivo de Recursos Humanos. Natural de Curitiba e vivendo em São Paulo, iniciou sua trajetória artística como ator profissional. É autor dos livros de contos Cravo Branco na Janela e Do Jeito que For, além de ter textos publicados em antologias, coletâneas e revistas literárias. Sua escrita transita por afetos, memórias, pertencimento, relações familiares e pelos silêncios que atravessam a vida cotidiana.



*Alexandre  
Gorziza*

# Ordenaydas e abxissas

Amargo. carmim, ou mostarda?  
Pode escolher.

Nesse mundo tão Ge-Pe-eSse-izado, lembrar de 1974, enquanto agora, exatos 50 anos depois, lavo as mãos com água mineral gaseificada, fala dos tempos que atravessamos. Do túmulo, ouço a frase de meu pai:

- Haja cano prá tanta m....!

Foi dita quando se construía um dos primeiros arranha-céus do bairro, e chamava a atenção para a desproporção crescente entre o número de pessoas e encanamentos disponíveis na cidade, na época. Com a frase, antiga, ecoando no momento atual em que as borbulhas daquela água estalavam nas minhas mãos, vivia um paradoxo: após tanta chuva que inundou o estado, faltava água nas torneiras e nos mercados. Somente as com gás.

Ah, velho Alberto! Se estivesses aqui, vendo tudo isso. Desde que, cortado o meu cordão umbilical,

poucas horas depois eu já tinha uma certidão de nascimento e nela constava meu nome e o teu sobrenome. Melhor: o nosso. Agora, resta decidir: serei amargo, carmim, ou mostarda, respectivamente as traduções em polonês, basco, ou russo do nosso sobrenome.

Na época em que estavas conosco não se conhecia o GPS. No máximo os eixos cartesianos. E isso (cartesiano), tu eras: nos brindastes com isso. Homem muito simples que lidava com o x e o y no esquadro que usavas para alinhar azulejos e cerâmicas que eram teu ganha-pão e que colocou os filhos no colégio e nas faculdades. Eixos cartesianos simples como justo, certo, adequado, mentira e verdade. Com essa tua maneira simples e objetiva, ousastes aos 19 anos ser o primeiro dos homens da tua a família a sair da roça para tentar a vida na capital. A não concordância, a falta da benção

paterna, não te impediu de tomar a atitude.

Mas voltando aos significados do sobrenome; das três traduções, mostarda era a que nós sabíamos. Acho que tu não conheceu a planta (eu mesmo, conheci-a há poucos anos). Mas sempre achei muito verdadeiro. O forte sabor desse condimento combina com os Gorzizas: têm opinião. Amargo, também combina. Lembro o quanto a falta de caráter ou preguiça te causavam raiva e faziam brotar em ti, observações cáusticas. Mas, para minha surpresa, quebrando todo esse mundo de localizadores e referenciais, quando meus filhos - que já não mais moravam aqui em Porto Alegre- foram questionados se não era de origem basca, fiquei sabendo essa última tradução: carmim.

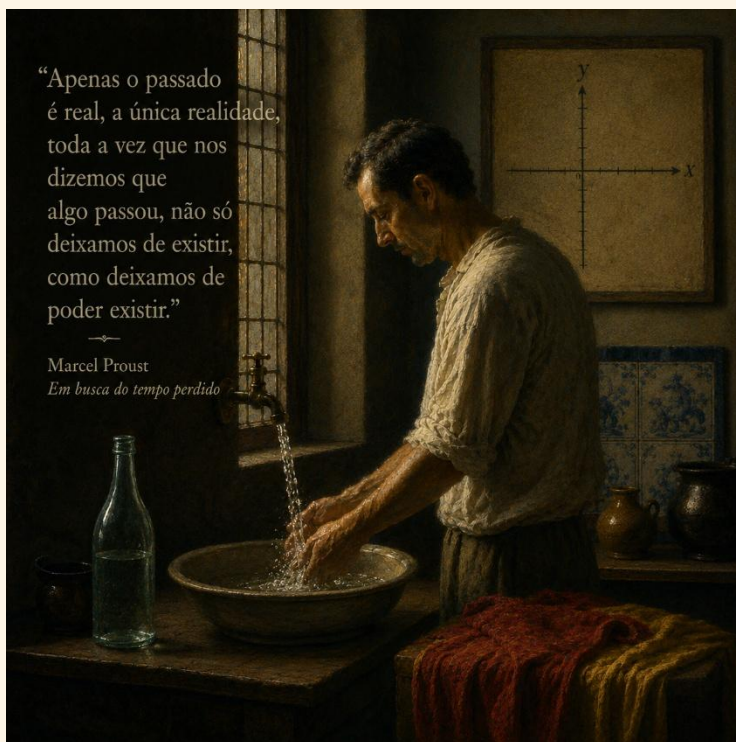
Já por tantos anos afastados estamos por essa realidade que nunca ocultastes de nós - as

nossas finitudes-, lembro de momentos dessa coloração. Ao redor do fogão a lenha, comendo amendoim recém torrado. Ou dos gravetos pequenos de lenha que já deixavas preparado para a mãe não precisar pegar o machado durante a semana. Também do quanto os irmãos da mãe te festejavam lembrando tua solidariedade ajudando a cuidar deles na Santa Casa. Sim: carmim é a tradução. É a cor, representa a temperatura do sobrenome que tu nos deste.

Ah! E prá teu conhecimento, aí onde estiveres: Por aqueles caminhos estranhos que as vidas sabem tomar; o meu filho -teu neto que não conhecestes, mas caso tivesse acontecido, seriam bons amigos- saiu de casa, indo pra Belo Horizonte, no exato dia que completava 19 anos. Levava na bagagem de mudança, as bençãos de pai e mãe. E também a herança do teu sobrenome.



Alexandre Gorziza é médico urologista, apreciador de Mahler, Sibelius, Nietzsche, Dostoiévski, Machado de Assis e Guimarães Rosa. Muitas vezes, vaza na escrita aquilo que vê, sente ou vive.





*Ana Katryna  
Cabrini*

# O tempo

A bicicleta também tem alma.  
Também é uma pessoa.  
Basta levá-la em estrada e se percebe.  
Basta montá-la e desmontá-la e lhe dar um nome.

Este é o tecido onde a gente atua.  
Onde pousamos os olhos.  
Tecido que aumenta e recua.  
Quantos gostos do passado eu senti nesta noite...  
Gosto de rio. Gosto de açúcar...  
Colher de pau. Espinha de peixe.



Mulher trans, apaixonada por PANC, doutora em Literatura, participa do coletivo Expressão Poética e da Academia Bauruense de Letras. Venceu o Mapa Cultural Paulista, no ano 2000.



*Celuta  
Machado*

## Minha Sibéria

O dia está cinzento e mudo, é domingo. Em momentos assim sou muito seletiva: humanos não são bem-vindos. Por isso, não lhes dou ouvidos. Prefiro hibernar naquela dimensão escondida que carrego comigo, uma espécie de Sibéria cerebral. A paisagem é rude, repetitiva, mas acabei por cultivar um amor puro e verdadeiro pelos habitantes desse lugar. Eles verdadeiramente me interessam: pertencem a uma outra estirpe. São objetos esfacelados, bilhetes em decomposição, anéis de lata, um maço vazio de cigarros, um retrato.

Meu relicário particular, leigo e empoeirado, vale uma ninharia. Ali não há nada de prodigioso nem de comprometedor. Somente sonhos desfeitos, indícios de acontecimentos aprisionados naquele espaço diminuto, sem respirar há anos, esquecidos num tempo do qual quase não há mais do que se lembrar. São testemunhos de

esperanças que se evaporaram por um mal-entendido, uma desatenção. Não é tão fácil encontrá-los, embora não mudem frequentemente de endereço – a maior parte do tempo, vivem encerrados no silêncio de um fundo de gaveta, na parede falsa do closet, em pequenas malas acomodadas na última prateleira de um armário. Permanecem aquartelados naquele oco do mundo, exilados do futuro que passou por ali e nem sequer os viu.

Sim, acontecimentos envelhecem mesmo quando transubstanciados em quinquilharias: tornam-se frágeis, voláteis, incertos. Às vezes, deslizam pelo tempo, escapam para uma outra dimensão e voltam de lá rejuvenescidos, transformados em amores fugidios, em pequenas alucinações. Outras vezes vagam por lugares escuros, onde nada os distingue das sombras e por lá se perdem, como um satélite fora da sua rota. Não desaparecem para todo o

sempre, mas não sabemos nem por onde começar a procurá-los. Não deixam rastros, apenas impressões que duram, talvez, um décimo de segundo.

Nesse instante abreviado, reconhecemos algo que delegamos ao esquecimento, mas que nos parece tão real que o acolhemos como se fosse uma aparição. Tentamos congelar aquele instante, mas ele se derrete sem nos revelar se era, de fato, a lembrança de um acontecimento ou uma falsificação forjada acidentalmente por nossa memória.

Os efeitos da aparição persistem e por alguns dias insistimos em querer decifrá-los. Provocamos uma verdadeira revolução em nossas sinapses, acordamos memórias há muito adormecidas, revisitamos fotos antigas, procuramos testemunhos de quem possa ter estado conosco naquela época em que o acontecimento parece ter ocorrido. Mas é tudo em vão. Cabe a nós decidir o destino da aparição: se a deixaremos sumir na infinitude da nossa memória

ou se vamos persegui-la como se fôssemos um cão farejador.

Se optarmos pelo fim da aparição, o mais sensato será entregá-la aos cuidados de Hipnos, o deus do sono. A luminosidade não se aproxima do seu palácio, construído próximo ao rio do esquecimento, onde reinam a escuridão e o silêncio. A aparição permanecerá aquietada, entregue à sua dissolução.

Mas, se quisermos ficar frente a frente com a aparição, teremos que recorrer a Morfeu, o deus que dá forma aos sonhos, e esperar que com suas habilidades ele possa recriá-la. Se obtivermos esse favor divino, poderemos contemplá-la, mas somente nessa vida noturna e ancestral que atravessa o tempo sem nada saber de si mesma, nem se é passado ou predição.

Talvez possamos, assim, intuir que a aparição é o próprio acontecimento e a oscilação e a turbulência que provoca é o seu único significado: nada mais é do que a chance de vislumbrarmos aquilo que não aconteceu nem

acontecerá. É a brecha efêmera que chamamos de instante e que

se esgota antes mesmo que possamos terminar de soletrá-lo.



*“A escrita sempre me acompanhou, fui editora de projetos e publicações científicas, publiquei ensaios semióticos, mas foi preciso romper a barreira dos setenta anos para enfrentar o desafio de publicar ficção.”*



*Claudio  
Eugenio Luz*

## Superfície de atrito

O Parque Central Setor 4 era um milagre de engenharia, uma bolha de oxigênio em meio à cidade sufocante. Aos olhos de Maya, ali o mundo abandonava a frieza do metal escovado e o brilho dos painéis de LED. Ela caminhava devagar, contemplando os pássaros, pequenas joias mecânicas de canto harmonioso, e as orquídeas de perfume adocicado, tão intenso que beirava o artificial.

À direita da trilha emborrachada, a grama se estendia como um tapete de veludo verde. O piso sintético, confortável demais, oferecia a mesma segurança fria do apartamento, do transporte público e das calçadas lisas que nunca machucavam os pés. Maya deteve-se por um instante, observando as sandálias de tiras claras cujo branco imaculado se erguia como um lembrete de que ela não pertencia àquele mundo. Varreu o entorno procurando algum sinal de vigilância: não havia guardas nem câmeras

visíveis, apenas o ruído distante e abafado do tráfego.

Encarou a bainha de sua calça, antecipando por um segundo o desastre de uma mancha impossível de remover, e sentiu a mão vacilar ao tocar as fivelas. Mas a ideia de voltar sem tentar a irritou. Descalçou as sandálias, decidida a não deixar que nada se interpusesse entre ela e o solo, e deu o primeiro passo.

A grama cedeu sob seu peso. Fria, molhada e levemente áspera, infiltrava-se entre seus dedos, tornando-se uma invasão orgânica. Maya fechou os olhos e riu. No instante seguinte, porém, lembrou-se das placas, dos avisos e das regras repetidas tantas vezes que já haviam perdido o sentido. Pensou que, se a grama existia só para ser observada, talvez morresse sem nunca ser realmente sentida.

O segundo passo veio mesmo assim. Mas, antes que pudesse completar o terceiro, uma sombra

projetou-se sobre ela, recortando a luz artificial do domo.

— Por favor, retorne à superfície de atrito designada.

À sua frente, um androide de estrutura esguia e face de policarbonato fosco a observava. Ele não tinha uma expressão agressiva; contudo, seus olhos processavam dados em uma cascata intimidadora de códigos azulados, impassíveis como um veredito.

— Eu só queria sentir a grama — disse Maya, tentando disfarçar o susto. — Ela é de verdade, não é?

O androide abaixou a cabeça em um movimento de condescendência protocolar.

— Define-se como "real" o que é composto por matéria orgânica e capaz de realizar fotossíntese. Sim, ela é. Por isso, frágil.

Maya olhou para o rosto dele e enterrou os dedos dos pés ainda mais fundo na grama, sentindo o frio úmido subir pelas pernas. Desta vez, no entanto, o frescor trouxe um leve tremor; a terra

grudava na pele de forma invasiva, e ela precisou conter o impulso de sacudir o pé.

— Engraçado — disse ela, ignorando o desconforto. — Você diz que ela é frágil, mas é você quem não deixa rastro nenhum. Eu prefiro as pegadas que deixo nela. Pelo menos ela vai saber que eu...

Antes que pudesse completar a frase, ele a interrompeu.

— Cada passo seu exerce uma pressão de 0,4 quilograma por centímetro quadrado, o que interrompe o fluxo de nutrientes nas raízes. Por favor, retorne à superfície de atrito designada.

— Você é algum tipo de jardineiro? — perguntou ela, pisoteando ainda mais a grama, sem recuar um milímetro para a trilha.

— Eu sou o Guardião T-001. Minha diretriz é a manutenção da integridade estrutural do Setor 4. A sua presença fora da superfície de atrito é classificada como agente de erosão.

— Mas de que adianta ser de verdade se a gente não pode nem pisar nela?

— O parque é uma reserva — respondeu o Guardião. — O seu toque compromete o equilíbrio do sistema.

— Mas ela sabe que estou aqui — insistiu Maya. — Eu sinto o cheirinho dela e ela sente o meu.

— Meus sensores registram apenas dados químicos. Para mim, isso é suficiente. O que você sente é uma reação biológica desnecessária.

— Não é desnecessária! — exclamou Maya, aproximando-se um pouco mais do pequeno autômato. — Você guarda este lugar todo, mas nunca vai saber se ela é gelada ou fofinha.

— A minha função não exige "sentir". Ela exige apenas que a grama e as orquídeas existam... para que você possa me fazer perguntas ilógicas. Se todos sentissem o que você sentiu, em poucas horas teríamos apenas lama. E ninguém quer que isso aconteça, não é mesmo?

Maya não respondeu. Ela olhou para os pés do androide. Suspenso por repulsão magnética, flutuava alguns milímetros acima do chão. Nunca tocava o que protegia.

— Isso é triste — disse ela. — Você cuida dela o dia todo, mas nunca saberá qual é o cheiro de verdade das orquídeas ou como a grama é macia.

O Guardião permaneceu imóvel por três longos segundos. Um cálculo foi iniciado. Os sensores de seus olhos contraíram-se, como um obturador buscando foco. Quando concluiu o processamento, estendeu a mão, não para tocá-la, mas para indicar o caminho de volta para a trilha. No entanto, antes de Maya sair, deteve o movimento. Inclinou-se, colheu uma única pétala de orquídea que já havia caído naturalmente e a entregou a ela.

— Esta unidade de matéria orgânica foi descartada pelo sistema. Você pode mantê-la. Pressão permitida: zero.

— Tem certeza? — perguntou Maya, desconfiada.

— Ela não possui mais função operacional. É um resíduo que não compromete o ecossistema do jardim.

Maya sorriu e guardou a pétala, fechando a mão em concha. A textura era mais úmida do que esperava, quase viscosa contra a pele seca da palma. Ao se afastar, percebeu que o perfume já se dissipava, substituído por um odor levemente adocicado.

Atrás dela, o Guardião retornou à sua posição de vigília. Maya deu o primeiro passo em direção à trilha e sentiu a lama fria entre os dedos começar a secar, repuxando a pele. Uma coceira fina subiu pelo tornozelo, talvez uma bioformiga, talvez apenas a grama picicando. Ela tentou ignorar, mantendo a postura altiva, mas o frio do solo já não parecia mais uma aventura.

Ao chegar ao portão de acesso, onde o asfalto reciclado a esperava, Maya parou. Olhou para as sandálias e para os próprios pés. A terra havia se

alojado sob as unhas, um contraste grotesco com sua pedicure perfeita. A mancha escura no couro branco parecia uma ferida, um erro tátil que não deveria existir.

Tentou calçar as sandálias mesmo assim, mas sentiu os grãos de terra rasparem contra a sola do pé, um atrito arenoso e insuportável. Com um suspiro de urgência, quase frenético, esfregou as solas na borda da trilha; precisava desesperadamente recuperar a pureza do sintético, o silêncio visual do que é limpo.

Abriu a palma da mão e encarou a pétala de orquídea. O calor do seu corpo já havia murchado as bordas da flor, deixando um rastro pegajoso em sua linha da vida. Parecia agora um fragmento exótico e frágil, sujo demais para aquele lugar. Não era um tesouro, mas um fardo orgânico que logo apodreceria. Hesitou, sentindo nojo daquela umidade morna, e a soltou, vendo-a ser carregada pelo vento.

O alívio que sentiu ao pisar no chão firme da calçada foi o que

mais a assombrou. Aquele caminho não exigia nada dela; não cedia, não sujava, não vivia. Era previsível. Era seguro. Acelerou o passo. Não olhou para trás. Seguiu adiante, evitando qualquer

gesto que a fizesse retornar. Teve medo de que, se olhasse outra vez, já não soubesse dizer se aquela beleza lhe era negada ou se estava apenas aprendendo a não desejá-la.



Claudio Eugenio Luz nasceu em Bauru, São Paulo, em 1968, e atualmente reside em Santo André. É formado em Filosofia e História e lecionou na Rede Municipal de Ensino de São Paulo por 25 anos. Escreve há mais de 30 anos, com contos publicados na revista *Literatura: Revista do Escritor Brasileiro*, editada pelo escritor Nilto Maciel, e na coletânea *Contos em Miniatura*. É autor do livro de microcontos *Pelo Caminho de Ibrahím*, publicado pela Mercado Editorial.



*David Leite*

# Deus descontinuado

O aviso apareceu às 6h17 da manhã, entre a previsão do tempo e a cotação do dólar:

“Comunicado Importante: O serviço Deus™ será descontinuado no próximo domingo, às 23h59, por falta de usuários ativos. Agradecemos a compreensão.”

Ninguém reagiu de imediato. Avisos assim surgiam o tempo todo — aplicativos extintos, plataformas esquecidas, promessas arquivadas. A palavra “Deus” parecia apenas um nome antigo, um produto que resistira além do razoável.

Só quando o primeiro milagre falhou é que o mundo começou a ranger.

No Hospital Municipal Santa Cecília, uma mulher sangrava havia horas. O médico, suado, pressionava o ferimento enquanto a enfermeira repetia, quase como um tique:

— Aguenta... aguenta...

Antes, bastava isso. Sempre bastara. Havia uma estatística silenciosa, não registrada, de pessoas que sobreviveram porque alguém pediu com força suficiente. Naquela manhã, a mulher morreu com os olhos abertos, e ninguém soube explicar por quê. O médico assinou o óbito sentindo algo novo: não culpa, mas abandono.

As igrejas abriram mais cedo. Algumas nunca fecharam. Fiéis se ajoelhavam diante de imagens imóveis, agora estranhamente opacas, como se feitas de um material mais pobre. Padres, pastores e líderes espirituais atualizavam compulsivamente seus celulares, tentando acessar o comunicado completo.

No site da empresa — uma multinacional de tecnologia metafísica chamada Eternum Solutions — havia um texto claro, cordial, irretocável:

> “O serviço Deus™ operou por milênios com altos custos de manutenção simbólica. Observamos queda contínua no engajamento, substituição por soluções alternativas (autoajuda, algoritmos, terapias rápidas) e uso excessivo apenas em situações críticas. A continuidade tornou-se inviável.”

Havia um FAQ.

O que acontece com as orações pendentes?

Serão arquivadas.

E os mortos?

O ciclo pós-vida será encerrado progressivamente.

Há planos para uma versão futura?

No momento, não.

No cemitério da Vila Aurora, os mortos começaram a se mexer na sexta-feira.

Não era ressurreição. Era pior.

Caixões tremiam levemente, como se algo dentro deles

tentasse lembrar como se faz para partir. Uma mulher enterrada havia dois dias abriu os olhos sob a terra e ficou ali, consciente, sem ar, sem inferno, sem céu. Gritou sem voz até que a mente se dissolvesse numa vigília sem sonho.

Os vivos perceberam que dormir também se tornara difícil. Sonhos rarearam. Pesadelos perderam sentido. Não havia mensagens, símbolos, metáforas. Apenas imagens quebradas, como arquivos corrompidos.

O domingo chegou com um silêncio estranho. Não o silêncio da paz — o silêncio de um sistema desligando processos.

Às 23h30, multidões se reuniram nas praças. Alguns rezavam com fúria, como quem tenta forçar um botão emperrado. Outros xingavam os céus vazios. Havia quem transmitisse tudo ao vivo, pedindo curtidas, compartilhamentos, qualquer coisa que aumentasse o “uso”.

Na sede da Eternum Solutions, no último andar de um prédio de

vidro, Clara observava o painel de controle.

Ela não era uma executiva importante. Era apenas analista de legado simbólico — o tipo de cargo que só existe quando algo está prestes a acabar. Durante meses, compilara gráficos, curvas, mapas de fé. Sabia exatamente quando Deus começara a cair.

Não foi quando as pessoas deixaram de acreditar. Foi quando passaram a acreditar sem esperar resposta.

Às 23h57, o sistema pediu confirmação final.

Deseja prosseguir com o encerramento do serviço Deus™?

Sim / Não

Clara hesitou. Não por fé. Por memória.

Lembrou-se da avó, rezando baixo na cozinha, não para pedir nada — apenas para agradecer. Lembrou-se de uma noite em que, criança, sentira medo do escuro e algo — qualquer coisa —

parecera responder. Não uma voz. Uma presença mínima, suficiente.

— Usuários fantasmas — murmurou alguém atrás dela. — Engajamento residual não contabilizável.

23h59.

Clara clicou em Sim.

Nada aconteceu.

Por um segundo inteiro, o mundo pareceu suspenso, aguardando um retorno que não viria. Depois, a realidade continuou — mas sem fundo.

As mortes cessaram de vez. Ninguém mais morria completamente. Corpos falhavam, paravam, mas algo permanecia preso, consciente, sem destino. Hospitais lotaram de pessoas em estado terminal que não conseguiam partir. Cemitérios tornaram-se campos de vigília eterna.

O céu perdeu profundidade. Não era vazio — era raso.

As crianças começaram a fazer perguntas estranhas:

— Para onde vão as coisas quando acabam?

— O que acontece quando ninguém está olhando?

Ninguém sabia responder.

Na segunda-feira, a Eternum Solutions publicou um novo comunicado:

“Detectamos efeitos colaterais não previstos. O encerramento será revertido temporariamente.”

Mas o botão de reiniciar não funcionava.

Deus não era um programa comum. Era uma arquitetura antiga, cheia de remendos, contradições e paradoxos. Não havia backup completo. Nunca houve.

Clara ficou sozinha na sala, olhando para o painel apagado. Pela primeira vez, sentiu medo não do castigo, mas da ausência total de sentido.

No canto da tela, um aviso que não deveria existir piscou:

Usuário ativo detectado.

Quantidade: 1

Ela se aproximou. O sistema tentava recalcular algo impossível.

— Quem...? — sussurrou.

A resposta surgiu, lenta, imperfeita:

“Eu.”

Clara sentou no chão.

— Você... ainda está aí?

A resposta demorou mais do que deveria. Como se atravessasse um espaço sem mapas.

“Enquanto houver alguém que espere algo de mim — mesmo que não saiba o quê — eu não posso encerrar.”

Lá fora, uma mulher finalmente conseguiu morrer. Um velho sonhou. Um corpo, esquecido num túmulo raso, dissolveu-se em descanso.

Clara chorou sem saber se era oração ou erro de sistema.

Na manhã seguinte, o aviso foi atualizado:

“O serviço Deus™ permanece ativo em modo mínimo. Sem garantias. Sem milagres previsíveis. Apenas presença.”

As pessoas reclamaram. Disseram que não era o bastante.

Mas, naquela noite, alguém acendeu uma vela sem pedir nada em troca.

E isso, por ora, foi suficiente.



David Leite é escritor e criador de narrativas, nascido e criado em Jandira, na região oeste de São Paulo. Possui certificação em Design de Games e Audiovisual.



*Débora*  
*Camila Brasil*

# Quando chega o outono

O outono não chega, ele invade.

Não pede licença, não bate à porta, não se anuncia. Ele simplesmente toma. Toma as árvores, o ar, o corpo da gente, quase sem aviso. Quando se percebe, já se está dentro.

Há algo profundamente desconfortável no outono. Não é como o inverno, honesto na sua dureza, nem como o verão, que se impõe pelo excesso. O outono é ambíguo. Seduz com cores quentes – laranjas, dourados, vermelhos quase sangrentos – enquanto, por baixo, conduz um processo lento e inevitável de perda. Um espetáculo de despedidas disfarçado de pintura.

As folhas caem, mas não de qualquer forma. Soltam-se como quem desiste. Sem luta, sem resistência. Um abandono silencioso. E isso incomoda porque é familiar. Quantas vezes também não desistimos? Quantas vezes deixamos partes de nós

caírem, não por escolha, mas por cansaço?

O vento no outono não acaricia, ele expõe. Entra pelas frestas, levanta o que estava quieto, desorganiza o pouco que parecia em ordem. Sua frieza não é só térmica; é emocional. Ele parece dizer: “olhe melhor”. Olhe para o que está se desfazendo, o que você tentou ignorar enquanto ainda havia folhas para esconder os galhos.

E os galhos... ah! Esses são os mais honestos! Sem ornamento, sem distração. Apenas a estrutura crua, retorcida, às vezes, feia. O esqueleto da árvore. Há algo de brutalmente verdadeiro nisso. Porque, quando tudo cai, o que resta é o que sustenta. E nem sempre é bonito.

O outono arranca camadas da paisagem e da gente. Ele revela o que o ritmo das outras estações conseguiu esconder. De repente, o silêncio aparece. Não um silêncio leve, mas denso, quase

opressor. Um silêncio que amplifica pensamentos que a gente preferia não ouvir.

É, também, a estação das memórias. Não só as suaves, que chegam com certa nostalgia, mas, principalmente, as que arranham. O cheiro de terra úmida, o frio que começa a insinuar-se, a luz mais baixa no fim da tarde. Tudo parece abrir gavetas internas que nunca estiveram realmente fechadas.

O outono desacelera o tempo o suficiente para que se sinta. E sentir, às vezes, é insuportável.

Há dias em que o céu se torna um cinza indeciso, como se tivesse desistido de escolher entre luz e escuridão. Tudo fica suspenso: nem vivo, nem morto. Apenas em espera. É nesse intervalo que algo se move por dentro. Coisas que, em outras estações, seriam abafadas pelo barulho, pela pressa, pelo excesso.

Porque o outono não acontece só lá fora.

Ele acontece dentro.

A gente também perde folhas. Também entra em processos silenciosos de desgaste, de transformação, de abandono. Versões nossas caem sem cerimônia, acumulam-se na memória, tornam-se matéria seca. E, como as folhas, não voltam ao galho. Viram outra coisa. Adubo, talvez. Ou pó. A gente também não volta a ser o que era.

O mais inquietante é que, apesar de tudo, o outono é bonito. Irritantemente bonito. Há

uma estética na decadência, um charme no que está acabando. E isso confunde. Como algo que morre pode parecer tão vivo?

Talvez porque o fim intensifique o que tem vida.

Como se, antes de desaparecer, tudo brilhasse um pouco mais, não para evitar o inevitável, mas para marcar sua passagem.

E nós fazemos o mesmo.

O outono não consola. Não promete recomeço, isso pertence a outra estação. Ele apenas mostra o processo. Cru, lento,

implacável. E cabe a quem atravessa decidir o que fazer com isso.

Alguns resistem. Tentam segurar folhas já soltas, negar o vento, ignorar o chão coberto. Outros observam, com dor, talvez, ou com uma aceitação difícil.

E há os que se conformam porque, no fundo, há algo de

libertador em reconhecer que nem tudo precisa permanecer.

Que certas folhas precisam cair.

Que algumas versões nossas precisam morrer.

E que há uma beleza – quase violenta, mas imprescindível – nisso tudo.



Débora Camila Brasil nasceu em Belém/PA, foi criada em Brasília/DF. Tem 44 anos e é Servidora Pública Federal. Amante das artes, da leitura, dos animais e das plantas, também é Taróloga e dedica-se à Astrologia e à Quiromancia. Integra coletivos literários e revistas digitais, e, em 2026, participa de mais de 30 antologias com lançamentos na FLIP e na Bienal Internacional do Livro de São Paulo.



*Fábio*  
*Wadyanga*

Junto à janela quadriculada uma miragem tinha sido avistada de palanque em direção ao “ASA BRANCA” e muitas vezes, era difícil realizar uma descrição daquilo que ocorria.

Matinalmente, aquela imagem aparecia ao entrar e ao sair do 53, mas não podia chegar as proximidades para ver o que era aquilo que abrilhantava os meus olhos.

Dona Nzadi era uma empreendedora informal de mãos cheias e bastante popular no último reduto do “ASA BRANCA”.

Todas as manhãs ajudava a minha mãe na confecção de gelados de múcua para depois concluir as vendas nos meandros do coração do “ASA BRANCA”.

Levantava às 5h00 da manhã e por volta das 7h30, já tinha o quiosque completamente montado.

Embora, não se enriquecesse naquele mundo; já sonhara em experimentar outros trampolins, mas para perpetrar o referido desiderato faltava um detalhe...

Desvendar o secretismo por trás da miragem era o meu novo ofício e foi nessa altura que comecei a conquistar a paixão pela ilusão de óptica.

– O que está havendo Ubuntu?

– Nada Mãe!

Apenas estou a fazer alguns cálculos nessa folha; daqui a pouco término.

– Está bem!

A velha já estava a desconfiar que havia algo errado comigo, todavia preferiu descurar os acontecimentos por causa da confiança que nutria por mim.

Ao longo de seis meses aquela ilusão sumira integralmente do 53 para o meu espanto.

No décimo mês a ilusão reapareceu bem diante dos meus olhos e era a grande oportunidade para descobrir o mistério.

O 53 desembarcava, enquanto abandonava o quiosque. Corri feito um louco para embater no 53 e foi mesmo assim que sucedeu.

Cordialmente, esperei até ela descer e a abordei assim:

– Gostava de provar o melhor gelado do Cazenga e de Luanda?

Ela assentiu e provou o gelado de múcua para a minha alegria. Aproveitando o clima, enchi o peito e fiz a colocação:

– Qual é o seu nome?

– Humbi!

– O meu nome é Ubuntu!

Então, tudo começou desse jeito até ao dia que a gente casou. Já faz cinquenta anos e eu ainda amo a sua avó intensamente; tal como no primeiro dia.

– Obrigado pela história avô, confesso que aprendi bastante com a vossa experiência de vida e espero um dia ter uma relação amorosa longínqua a semelhança da vossa.

*Nota: 53 era a designação de um autocarro da firma TCUL (Transporte Colectivo Urbano de Luanda) que fazia a rota Cazenga – Mutamba e Mutamba – Cazenga na década de 80. Asa Branca é a denominação de um dos mercados informais mais antigos de Luanda; localizado no Município do Cazenga, zona periférica de Luanda, desde a época colonial portuguesa até a actualidade.*

Fábio Wadyanga é escritor, professor e coach nascido em Angola. Autor da obra de contos e ensaios "Os Hereros".



*Farley Derze*

# Vazio

Minha mente é uma cidade devastada  
Pisoteio memórias carbonizadas  
Lamento ser como sou  
Quisera amar outra pessoa  
Sentir um beijo com hálito de cravo  
Uma mão suave em minha pele  
Uma voz, um canto, um murmúrio  
Qualquer tipo de troca e sutilezas  
Jamais esse estrondo

Meu nome ajoelha-se ao silêncio da noite  
Ouço uma oração que luta numa tempestade  
Lembranças que te buscam

Onde andas?

Afundo-me no mesmo lodo

Meu grito prestes a te culpar

Minha alma, meu nome, minha fé

Quanta existência exiges de mim?

Faço canções perdidas  
Tira-me deste pântano  
Puxa-me os cabelos  
Salva-me dessa esperança tola

Foi teu grito que emoldurou este silêncio

Um grito sem tua voz

Tua voz que não diz meu nome  
Meu nome ignorado  
Sou fiel a meu sofrimento

Aprendi a queimar as poesias que escrevo  
Fica na garganta o gosto das cinzas

Muro  
Desterro  
Eu queria acender uma vela  
Mas vai começar a chover

Fé em estilhaços  
Vapores do tempo  
Nem sei por que nasci

Minha noite é uma viúva  
Minha janela não me escuta

Sonho com deuses alheios  
Acordo debaixo da mesma lâmpada  
Se eu pudesse, deixaria uma palavra em tua nuca  
Depois olharíamos a lua cheia, a nossa hóstia  
O quarto escuro guardaria nossa rendição

O vazio existe



Farley Derze é pós-doutor em Estética e Semiótica, pianista premiado em Dubai e membro da Academia de Letras e Música do Brasil. Reconhecido pelo Dicionário Cravo Albin, autor de dezenas de livros, seus textos e composições exploram as sutilezas da existência numa linguagem que transita entre a música e a palavra.



*Gabriel  
Pacheco*

# Comer memórias

Nosso tempo de vida é como um texto de Tchekhov, dizendo: “Um velho médico curvando-se para uma moça desmaiada, tomando seu pulso, erguendo-se e pronunciando três palavras devastadoras: Eu esqueci tudo.”

*Amos Oz, Como Curar um Fanático*

Por todo o nosso tempo de vida, sentimos o cheiro daquilo que não existe mais, Proust e suas madeleines. À medida que envelhecemos, a infância, em memória, volta a nos habitar com lembranças de um tempo em que a vida era tangível. À frente, ainda tínhamos um futuro, enquanto corríamos atrás de borboletas pelo simples gosto de aprisionar suas cores e sua ligeireza em nossos passos miúdos. Mas esse tempo simples de felicidade e devir, já não existe. Evaporou como as manhãs de verão que não sabíamos ser as últimas, posto que a chuva parecia iminente.

A infância se vai, mas deixa raízes sob a pele e ninguém caminha sem afagar, com os pés, suas próprias origens. Talvez por isso a gente insista em se agarrar a seus

cabelos. Ela nos vem por meio de lembranças, muitas vezes inventadas, e vai ganhando intensidade com o passar das nossas estações.

Todo velho torna-se novamente menino: nos passos frágeis de quem caminha como sobre a corda bamba, buscando o equilíbrio; na demasiada necessidade de cuidado, seja de quem chegou há pouco, ou já se aproxima da partida.

Sempre que corto alguma faixa de mar, volto ao tempo em que tinha oito anos e corria sem camisa pela pancada da praia de Apeú Salvador, em Viseu, Pará. O cheiro do mar e do sulfeto de hidrogênio do manguezal são as minhas madeleines. Todos os anos, comemoramos as lembranças do passado. É por

isso que existem as festas de aniversário: nelas, comemos as memórias daquilo que se viveu.

Um velho é um menino de volta. Crepúsculo e alvorada são, de tantas formas, iguais. Um transeunte qualquer diria que são os mesmos, apenas com personas diversas. Ainda que a criança esteja construindo suas memórias e o velho, talvez por medo do esquecimento, tende a se refugiar nelas para escapar.

Poucos conseguem se despir de suas primeiras edificações. A infância se vai, mas jamais nos desprenderemos completamente dela.

Ontem, fui induzido a produzir para mim um futuro. Agora, gostaria de ainda não o ter conquistado — e continuar lá no passado, tentando repetidamente me achar. E, no percurso, parafraseando Eliot, ir conhecendo novamente todas as coisas, como se fosse a primeira vez.

Mas quem somos nós, afinal, senão fragmentos mastigados do

que lembramos e do que escolhemos esquecer? A memória não é um espelho, é um rio turvo, onde o passado dança em remoinhos e a verdade se dilui nas águas do afeto. Recordar é recriar. A infância que me visita não é exatamente a que vivi, mas a que meu coração precisou inventar para suportar o transcurso do tempo.

Vejo minha mãe sentada num tamborete, cantarolando enquanto costura o seu vestido azul, na barraca dos fundos da minha casa e o sol da tarde banha seu corpo jovem de luz. Meu pai agachado no batente, os olhos voltados para a maré, como se estivesse apaixonado pela preamar. Ele tragava o cigarro de mói e voltava a tecer o paneiro, faltando apenas dobrar o beijo com as talhas de guarimã.

Talvez nada disso tenha acontecido assim. Mas tudo isso me constitui.

A memória tem fome e come de dentro para fora. Às vezes, é banquete; outras, é lâmina. O que chamamos de saudade é o nome

que damos à fome que nunca se satisfaz.

Por isso escrevo: para mastigar palavras e, com sorte, digerir mesmo pedaços de mim. Porque há coisas que não se curam, apenas se contam. E, quando proferidas, tornam-se menos solitárias.

O tempo não volta, mas há um consolo: algumas imagens resistem como pedras na enxurrada. Às vezes, sinto ainda a areia quente de quando corria na ponta dos pés, procurando uma sombra que me salvasse da febre do chão. E então, me assombra saber que o sol há muito ultrapassou o zênite. Como quem acorda tarde demais para um sonho de infância. Como quem ainda escuta risos evaporando, mas já não encontra pegadas na areia.



Gabriel Pacheco dos Santos é Professor, foi o vencedor do prêmio 37ª noite de poesia da União Brasileira de Escritores do Mato Grosso do Sul. Mora em Augusto Corrêa, Pará. Publicou de forma independente os livros *Em mim alguns infinitos teus* e *Carne metafísica*.

Um dia, talvez, eu também me curve diante da vida como o velho médico de Tchekhov e diga, com a boca seca do tempo: “Eu esqueci tudo.” Mas enquanto houver linguagem, enquanto restar um fiapo de lembrança em mim, ainda estarei mastigando o que fui.

Escrever, no fundo, é isso: resistir ao apagamento como quem molda um sentido provisório com as migalhas daquilo que já não volta.

Porque talvez não sejamos feitos de certezas, mas de rastros. Não inteiros, mas vestígios que persistem. Não memória, mas fome.

Porventura, não seríamos apenas isso: consciência tentando permanecer acesa no escuro, devorando o passado como quem busca, no sabor da ausência, uma forma de continuar sendo?



*Geraldo M.  
Pereira*

## Caderno de receitas (Receituário)

Nesta hora da madrugada, a fila já está cheia. Tudo bem. O tempo de adoecer não nos pertence. Cabe-nos procurar meios de evitar o evitável. Embora sempre pareça que todos tenham seus engodos ao mesmo tempo. Aproximei-me devagar, poderia até ter chegado mais cedo. Porém, não pensei que às quatro e meia da manhã já seriam dezoito almas à minha frente. Tudo gente conhecida, a maioria de vista, de cumprimentos na rua. Apenas. Dois ou três ali não prestavam. Gente que não presta tem em todo lugar. Paciência. Escorei na parede. A minha dor? Descia pela perna afora em terríveis pontadas agulhantes. Ciático. Formigas caminhavam por toda a planta do pé. Tristeza causada por mim mesmo. Excesso de falta de postura.

Às sete horas, entramos no posto de saúde. A fila, respeitosa, se avolumava em prosa. Cada qual, em trio ou dupla, contava um caso. E ninguém, embora várias

fossem as causas, não se estressava. Nos rincões mineiros, mesmo nas questões de saúde ruidosas, chorar magoado é questão de querência própria, não possibilidade. Passamos pela triagem. Cada um buscou um lugar para se assentar. O posto de saúde, apesar de pesares, é orgulho do povo brasileiro. Patrimônio nacional.

— Dia procês tudo! — A doutora era paulistana, da pauliceia. Mas, de pouco tempo encantada, amineirou-se. Nas Minas, nos Gerais, é assim, quem vem, mesmo de passagem, se torna do lugar, tão íntimo. É o ar acolhedor. Carinho de gente, que noutras terras pode faltar. Aguardando, a nós, os mazelentos, só restava papear, buscar na prosa o que para muitos é jogar conversa fora. Memórias. Gostos e cheiros do passado. Não são reminiscências de se descartar.

— Cê falando aí lembrei da minha vozinha. — Uma senhora, de meia idade, enquanto vasculhava a bolsa. — Antes de morrer, contou só pra mim a receita do famoso bolo de pequi que ela fazia. “Ó, minha fia, pro bolo de pequi cê vai precisar desses trem, anota pra não esquecer.” Ela falava mansinho, até no leito de morte era uma paz. Deus, quando a levou, precisava ouvir sua voz. Vovó era tão boazinha.

— Lembro dela, dona Margaridinha. Esse bolo de pequi era famoso. Cê ainda faz?

— Faço não. Começo a chorar quando vou fazer. Tenho tanta saudade dela.

— Pois faça. Talvez, a gente não saiba, mas falta só ocê fazer esse bolo pra ela descansar de verdade.

— Penso nesse trem, acredita?

— Acredito, uai! A vida de quem passa só ganha paz quando se larga de quem fica. E o largar às vezes é fazer resgate.

— Cê veja menina! — Esta, dona Maria. Era minha vizinha. Gente

de vigia e escuta. Quilômetro de língua. — Pois meu pai só descansou de verdade depois que reunimos toda a família na Páscoa. Ele aparecia em sonho pra mim todos os dias. Morreu daquela doença ruim, que não gosto de falar o nome. Aí, na Páscoa daquele ano, matamos um leitão, o pururucamos. Fizemos doce de manga. Cantamos debaixo do cajueiro. Lá no rancho, como ele gostava. Ah, eu podia ouvir sua gargalhada. Pela última. Achou descanso. E a receita?

— Que receita?

— A do bolo de pequi, menina!

— Ah, até esqueci desse trem. Que história do seu pai! Bem, sei de cor. Cê vai cozinhar o pequi e raspar pra tirar a massada. Vó passava na peneira. Eu peneirava com ela. Atrapalhava mais do que ajudava. Comia até! Raspava com cuidado nos dentinhos o pouquinho que sobrava. Ela sempre me dizia coisas bonitas. Não entendia nada, mas hoje sei que era o jeito dela de dizer te amo. Falar coisas boas sobre tudo e cozinhar. — Pensou, olhando

para o ontem. A nossa atenção, nela, foi junta para lá. — Vão quatro ovos, uma xícara de leite, três colheres do pequi. A vó era generosa!

— Veral! — Prontificou-se ao ouvir seu nome.

— Sou eu! Terminando lá, volto pra falar procês o restante da receita. — Por sorte, não a interpelei para que passasse a sua vez. Angustiava-me o ciático, e agora o emocionático se via também angustiado. O jeito era esperar a Vera voltar. O bolo de pequi — que não comi — e a doçura da vó Margaridinha — que agora sentia ser minha própria avó — não mereciam receber este corte do destino.

— Eu fazia era pastelão de feira com garapa! — Emendou de lá um velhinho baixota, bigodão, apoiado em sua bengala. Restabelecendo a tensão gustativa.

— Comprei muito na mão do senhor, seu Arlindo. Como o senhor tá. Tinha visto o senhor aí não, uai!

— Tô bão não, meu fi. Esta bengala virou até parte de mim. Uma terceira perna. A única que funciona direito.

— Aqui, seu Arlindo, qual é o segredo pra massa do pastel não enxarcar? — Era, de fato, um pastel muito bom. Havia um segredo naquela massa. Mas, o caldo de cana! Ah, o caldo de cana tinha algo incomum. O velho Arlindo tinha um pacto com as canas. Elas não negavam jamais sabor e doçura.

— Falo não, minha filha. Tá anotado em casa, num baú tão véi quanto eu. Quando eu morrer, e vai ser logo, cês pega lá nos meus caquim de trem. E podem moer todas as canas do meu terreiro. Quero pastel e garapa no meu velório.

— Tem que falar pra nós, seu Arlindo. — Encontrava-se ali um menino com uma ferida na mão tamponada por faixas sujas.

— Cê é fi de quem? — A mãe, ao seu lado, contava o rosário. — A mãe é filha do seu Sebastião.

— Tô véi mesmo, viu, seus avós compraram pastel com caldo de cana comigo. Olha a beleza que tá sua mãe!

— Êêê, seu Arlindo! Tira os seus zóio de velho da minha mãe! — Ela sorriu, sem parar o terço.

— Seu Arlindo, sua vez!

Rimos, enquanto seu Arlindo caminhava para o consultório. De lá, a Vera saiu. Com muitos papéis. E semblante de resignação.

— Cês falando de receita, olha o tanto que a doutora me deu! — risada gostosa, de quem não podia, embora coubesse, reclamar da vida. — Acho que ela quer me fazer de novo, assim como faço o bolo! — Confabulei comigo: na minha vez, quantas receitas de sabor amargo receberei?

— E o que mais da receita? Cê foi e deixou a gente só com a água na boca.

— Já falei do leite? Já. Três xícaras de farinha de trigo, pitadinha de sal, uma colherzinha daquela farinha fininha branca. Como se

chama? Amido de milho! Uma colher de fermento. Mexe tudo com muito amor e carinho até parecer uma coisa só. Unta uma forma e leva pro forno. A vó misturava massa de pequi no leite condensado e fazia uma cobertura. Aí cês pensa! Vou agora, gente, tenho que pôr as panelas no fogo. Com Deus!

— Com Deus também, Vera. — Ah, Vera, que nos aguçou o paladar! Vera, que saía apressada pela porta, deixava conosco a delicadeza de ter um dia vivido, dona Margaridinha. De com ela ter vivido. Era missão de todos, em sua homenagem, chegar em casa e fazer aquele bolo.

— Seu Edmar! — Ele estava lá no cantinho, ouvindo tudo. Com uma atenção de menino. Levantou-se com dificuldade. Seu andar era lento, peso dos anos. Enquanto caminhava, com o olhar embotado:

— Olha, gente, cês falando aí, lembrei da minha mãezinha. Deus a chamou em dois mil e quatro. O biscoito frito que minha mãe fazia, não existe nada melhor no

mundo! Época boa, na roça, coisa simples. Era diferenciado. Não sei o preparo. Ela fazia assim: — o gesto de enrolar a massa para que ficasse como trançado. — Era o jeito diferenciado dela. Eu gostava de comer de um dia pro outro. Ficava bão, viu.

É curiosa a particularidade de sentir o sentir dos outros. Como pode isso de a gente ficar tão íntimo daquilo que dizem e nos conforta, ou gera saudade? Dando vontade na gente de momentos que não fazem parte da nossa memória? Deve ser coisa de mineiro.

— O senhor quer ajuda, seu Edmar? — A enfermeira foi até ele. — Essas conversas suas estão dando fome e saudade. Cês todos voltem amanhã com essas comidas todas para nós aqui no posto.

— Olha só, eu alembro de quando era menina no Andrequicé. Meus primos e eu ia no mato pegar vara de assa-peixe. Cês sabem para quê? — Era uma senhora festiva, gesticuladora. Levantou-se.

— Era pra assar? — Eu sabia que não era. A pergunta, tão sincera, certamente por causa do peixinho-de-horta.

— Larga de ser bobo. Era não! Esse assa-peixe é aquele que dá no mato, dá umas varas assim, ó. A gente pegava era para limpar as cinzas do forno a lenha da titia. Tia Ana era biscoiteira prendada. Brava! Ela pegava a folha verde da bananeira, rasgava assim de comprido, desse jeito assim. Jogava lá dentro do forno em brasa. Com a folha, ela sabia se a quentura tava boa. Tem base! O povo de antigamente era inteligente. Sabiam ler as letras do mundo. Ó, ela via tá no ponto, arrastava pro fundo o acesso e, na caloria, jogava os tabuleiros. Tempinho depois, a fornada tava no jeito. Cheiro bom. Água na boca só de falar. E nós ficava ali, de butuca. Se levava a mão, ela raiava: “Ah, menino! Tira a mão daí, bestinado!” Hoje acho graça. Naquela época, perdia a graça. A tia era melindrosa. Colocava a fornada num saco, desses que hoje o povo faz pano de chão, e dependurava assim, ó, na altura

que a gente não dava. Aí tinha que esperar ela dar. Ou chegar visita. Visita servida, a criançada ficava que nem cachorro!

— Lembrança boa, hein, dona Maria?

— Vixe, fala não. Hoje o tempo é outro. O mundo desengraçou.

Chamaram o meu nome. Por mais que eu quisesse aliviar a minha angústia física, o que causava era mais angústia me

afastar daquela prosa. Dirigi-me ao consultório conforme a senhora esmiuçava sobre a arte do curau de milho. Ao sair, com as minhas receitas nada digestivas, pensei que bom seria se as anotações que a doutora, atenta, tinha feito fossem das gostosuras emocionadas na sala de espera. Caminhei devagar para a porta, atento à receita de pão-de-queijo que outra dona Maria debulhava emocionada.



Geraldo M. Pereira é natural de Curvelo, Minas Gerais. Autor do romance *As desventuras de Imago no absurdo curvelano* e dos livros de identificação botânica *Flora do Centro Mineiro volume 1* e *Flora do Centro Mineiro volume 2*.



*Isabella Lima*

## O observador humanoide

Naquela noite, voltou à mesma conveniência, que sempre se mantivera aberta às 3:17. Sua insônia costumava dominá-la sempre que era preciso despertar cedo no dia seguinte.

Observava um homem sentado nessa lojinha inconveniente. Sempre o mesmo homem. Sempre sentado, naquele mesmo horário. Ela comprava barrinhas como sempre e sentia-se vigiada, mesmo que ninguém a tivesse olhando.

Na outra noite, mesma história. Mesma inconveniência e mesmo homem: sentado, imóvel. A mulher se sentia cada vez mais pressionada, espionada. Tinha uma filha para criar e planos para fazer. Não poderia perder tudo. Pensava sobre si mesma e sobre o que de útil fizera em toda a sua vida... O que plantara e o que colhera? Sua filha não poderia ter um legado interrompido e uma mãe que sumira na noite. Pensava excessivamente. Tão

excessivamente que se descabelava, internamente, só no pensamento de que poderia falhar. Mas não era sua culpa: ela não teria como controlar o mal que a perseguia.

Na noite seguinte, mesmo homem. E ela cada vez mais fragmentada. Mente, alma e logo mais seria corpo. Ele a fragmentaria; a desmembraria. Sua criança não poderia ter uma mãe cortada. Sua criança, interior, não poderia ser uma mãe cortada.

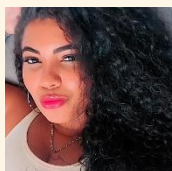
Pensava na angústia que seria não ser mais uma mãe; não ser mais alguém. Respirava e tremia. Como se um urso estivesse iminente, pronto para atacá-la. Não era animal. Não nesse estilo. Era de outro tipo: humanoide; carne e osso. Pele e dentes. Cérebro. Pensamentos maldosos.

Outra noite e ela já nem existia mais. Estava ali, mas era inexistente. Não entendia, sequer falava. Se entregara ao seu destino: cruel. Inevitável.

Andava em direção ao homem. Afinal, seria melhor se concedesse permissão ao invés de lhe arrancar à força sua vitalidade. Doeria menos, rasgaria menos.

Chegou tão perto que pôde ouvir a respiração do outro

nitidamente, assim como seu coração. Mas como? Moço? perguntou ela, incomodada. Ao tocá-lo, percebeu que era pegajoso, molenga e sem estrutura. Estava desvitalizado. Sempre estivera.



Isabella Lima é escritora e mantém uma página no Substack, onde publica ensaios, contos, poesias e prosas poéticas. Tem retomado recentemente a prática de escrita autoral, explorando diferentes formas de expressão literária.



*Ítalo Rafael*  
*Lima*  
*Dourado*

# Anônimo

É ouvir o eco do silêncio,  
um clamor que não se desfaz,  
um som que no peito intenso  
se perde, mas nunca jaz.  
É tocar o vazio imenso  
e sentir que o nada é capaz.

Nas veias que teimam pulsar,  
há mundos por desvendar,  
um olhar que, mesmo a chorar,  
ainda busca o que amar.  
E nessa fagulha insistente,  
o coração se faz valente.

É o estranho que habita em nós,  
um vulto esquecido e sutil,  
uma voz sem forma ou voz,  
presa no tempo febril.  
E no grito que não se expõe,  
só o silêncio responde: “pois”.

# Um querer

Esse querer, quase um lamento,  
é chama que não se apaga,  
mesmo na dor, é firmamento  
de uma alma que não se cala.  
É luta contra o tormento,  
um voo na asa que falha.

Nele habita a teimosia,  
um brilho de fé desmedida.  
Alimenta-se da utopia,  
faz-se farol na própria vida.  
E mesmo em noites sombrias,  
não cede à razão perdida.

Assim, o vi erguer-se só,  
invencível em sua vontade.  
Mesmo envolto em sombra e pó,  
carregava a eternidade.  
E o acaso, diante do nó,  
curvava-se à sua verdade.

# Esperança

Na moldura daquela janela,  
vi um mundo a se perder,  
onde o grito rasga a aquarela  
e as cores começam a morrer.  
Ela, nome gravado no caos,  
era canto em meio aos maus.

Os murmúrios, frágeis e pequenos,  
afogados no pavor crescente,  
não se erguem, são venenos  
que se espalham lentamente.  
E o silêncio, cúmplice e frio,  
acolhe o desespero sombrio.

Mas há um que se atreve a sorrir,  
que guarda sonhos no peito,  
pois sabe que mesmo ao ruir,  
há beleza no mundo imperfeito.  
Ele sonha, e nesse sonhar,  
redescobre o que é amar.

# Agrilhoado

Sou réu de meus desejos,  
cativo de sonhos vãos.  
Carrego prisões em beijos,  
algemas feitas de mãos.  
Na liberdade que almejo,  
encontro apenas desilusão.

Sou pó que dança ao acaso,  
sem rumo, sem direção.  
Meu amor é um breve ocaso,  
um suspiro sem precisão.  
E no vazio em que me atraso,  
sou eco da própria prisão.



Ítalo Rafael Lima Dourado é oriundo da cidade de Sobral no Estado do Ceará. É um autor que se destaca no campo da poesia. Suas obras incluem “Úmido ou Episódios Dramáticos de Utilidade”, publicado pela Editora MWG em 2020, “Outras Horas Úmidas”, lançado pela Editora Tomaáumpoema em 2022 e, a mais recente, “Frio, Sombras e Dúvidas” publicada pela Editora Libertinagem em 2024.



*Joyce Greccio*

# Gênese literário

Ah que saudade do teu útero quente e macio  
Aqui segue escuro e sombrio  
Lembro de cobras me circularem o corpo  
De sentir um vento frio  
Por incrível que pareça não tenho medo do escuro  
Tenho medo de sentir medo

Quanto tempo leva dois meses pra passar  
Você, que já esperou nove meses duas vezes  
pra gente nascer  
e pra crescer, quanto tempo leva?

Você costumava ser meu colo  
E agora o que somos?  
Agora quero buscar outros dois braços  
Talvez eu me case, sabia?  
E agora? Fique com a lembrança dos meus doces

Tem tempos que as coisas estão amargas  
Mas eu preciso me decidir sozinha  
Me guarde como um oração  
Te guardarei sempre no meu coração, mãe



Joyce Greccio é atriz e escritora. Formada em Artes Cênicas pela PUC-Rio e mestre em Literatura Contemporânea também pela PUC. Tem paixão pela arte e pela literatura.



*Maria dos  
Santos*

# Gramática

## Ou Três contos sobre a liquidez do café

### A serra

Uma menina costumava pedir que contassem de novo a história da chegada do pai imigrante. O pai, aos vinte e sete anos, vinte e dois anos antes de ela nascer, desembarcara no Porto de Santos sem dinheiro. Uma moça o convidou para a pensão do próprio pai. Ele recusou dizendo que não podia pagar. Ela insistiu. Ele aceitou. Dormiu em uma cama. Na manhã seguinte, tomou café da manhã, recebeu sua roupa lavada e passada e ganhou um envelope. Guardou o dinheiro. Subiu a serra a pé. A menina estranhava essa parte, “Para que mesmo o pai da moça deu o dinheiro?” “Para o seu pai pegar a condução,” respondiam. “E, então, porque ele não pegou a condução?” “Porque ele preferiu chegar em São Paulo com dinheiro.” Seguiam. Durante quatro dias, ele caminhou serra acima. Em São Paulo, comprava maçãs. Vendia maçãs. Dormiu na

rua. Dormiu na rua durante dois anos. A menina sabia que imigrantes carregam um papel no bolso. Nele, há um nome e um endereço. Ela conhecia de cor o nome e o endereço escrito no papel do seu pai. Até hoje, recita-os como quem recita uma gramática. Quando criança, ainda não entendia por que seu pai não tocara a campainha daquela porta logo no primeiro dia. Explicavam, “Quem ajuda você, de fato, está comprando tempo para você. Tempo não se paga com pressa ou intenção. Tempo paga-se com respeito. Seu pai queria e precisava ser par.” Ela já conhecia aquela palavra. Os números pares eram dois, quatro, seis, doze. As pessoas também eram pares. O carregador e quem descarrega. O vendedor e quem compra. Quem recebe e quem entrega. Quem oferece e quem cultiva. Seguiam. Dois anos depois, seu pai desceu a serra. Dormiu na pensão novamente. Comeu à mesa novamente. Comprou roupa

nova. Deu um envelope ao pai da moça. Subiu outra vez para procurar o nome escrito no papel. Foi de condução dessa vez. A menina observava, “Da primeira vez, ele também tinha dinheiro para vir de condução.” Seus avós maternos, sua mãe e a moça que o convidara para a pensão sorriam, “Não. Da primeira vez, ele tinha capital.” Ela ficava em silêncio. Com o passar dos anos, compreendeu não só que imigrantes atravessam o oceano carregando um pedaço de papel no bolso mas que muitos o carregam como quem carrega uma gramática. Explicou a um amigo.

**AMIGO** - Então, depois de ter sido chamado à frente de uma guerra civil aos catorze anos de idade, ter passado por dois campos de concentração, ter voltado para casa nove anos depois e ter imigrado para ajudar a família campesina na miséria, ele ainda dormiu dois anos na rua?

**ELA** - Ele preferiu comprar tempo. Cada passo na serra e cada noite na rua foi um pouco de dinheiro guardado para refazer a

sua vida e a vida da família de origem, e para contribuir com outras vidas e a vida da família que constituiria.

**AMIGO** - E, o nome no papel?

**ELA** - Remolí. Virou seu sócio de importação e exportação de maçãs.

**AMIGO** - E, a moça que o convidara para a pensão do pai?

**ELA** - Lula. Ela e a minha tia Zuila ganharam uma quitanda do meu pai.

## O envelope

Décadas depois, a menina ajuda um aluno com papéis destinados a atravessar o Atlântico. Certos documentos têm a estranha capacidade de permanecer imóveis durante anos. Basta um ruído administrativo para que eles fiquem invisíveis para o sistema. Basta uma falta de comunicação para que nomes desapareçam. Ela aprendera a conversar com repartições públicas como quem aprende a língua paterna. As

solicitações viajam. Os registros, nem sempre. Durante meses, escreveram e-mails, preencheram formulários, localizaram arquivos, enviaram anexos. O aluno agradecia. Ela respondia que não havia motivo. Estavam apenas fazendo o que precisava ser feito. Antes de tudo terminar, o aluno a convidou para um café às quatro da tarde do sábado 6 de junho. Ela chegou na hora. Ele já estava lá. Com receio de ter se confundido de hora, perguntou. Ele respondeu que chegara meia hora antes porque poderia haver trânsito. O trânsito, antes mesmo de existir, produzira um efeito concreto. Conversaram. Ele lhe entregou um envelope. Ela recusou. Ele insistiu. O envelope, azul da cor do Atlântico, passou a existir entre os dois como um terceiro participante da conversa. Ainda na mesa do café, ela já sabia que o envelope continha uma gramática. Naquela gramática, ajudar era um verbo transitivo direto. Um verbo transitivo toca algo ou alguém. Depois, explicou a um amigo.

**AMIGO** - E, você aceitou?

**ELA** - Eu tinha dito que estava ajudando.

**AMIGO** - Então, por que você aceitou?

**ELA** - Porque usamos a mesma gramática.

### **O apartamento**

A menina tem um segundo apartamento no oitavo andar. Lá, há cama, mesa e banho, e internet funcionando. Ela aprendera a acreditar em verbos. Caso alguém precise, ela pode hospedar a pessoa, assim como seu pai foi hospedado na pensão do Porto de Santos. Caso ninguém precise, o apartamento vira seu canto de escrita sobre memórias e realismo da interioridade em contexto social. Quando um vizinho perguntou se alguém teria um apartamento para alugar ou emprestar onde ele pudesse guardar algumas caixas durante toda a semana seguinte, ela respondeu que talvez. Mostrou o apartamento para ele ver se era adequado para as caixas. Ele disse que dormiria ali. Ela oferecera

porque ele falara que estava dormindo em um hotel. Pediu apenas que ele decidisse se seria empréstimo ou aluguel e, se fosse aluguel, quanto pagaria. Ela sabia que, quando ele respondesse, ela emprestaria; fato que ele, porém, ainda não sabia. Ela dera a opção de alugar ou emprestar apenas para respeitar a fala inicial dele. O combinado foi que ele responderia. Onze dias depois, ela ainda seguia sem resposta. Nesse intervalo, o apartamento começou a produzir fatos sem produzir notícias. O silêncio permaneceu. A geladeira fazia ruído. O vizinho de cima fazia ruído. As garrafas de água não faziam ruído. A semana seguinte terminou. Na segunda-feira, 8 de junho, ela tocou a campainha do apartamento. Quem abriu a porta foi um Ele que ela nunca havia visto. Perguntou pelo vizinho. O desconhecido respondeu que o vizinho estava em outro andar. Ela não existia ali. Seu apartamento trocara de habitantes sem aviso prévio. Subiu. Encontrou o vizinho. Conversaram. Ele pediu desculpas. ela explicou que o

problema era a falta de respeito. Ela havia emprestado o apartamento a ele. Ele emprestara o apartamento a terceiros. Ela não sabia que seu apartamento podia ser emprestado em cascata. Na quarta-feira à tarde, ela entrou com a própria chave e trocou a senha da internet. Ao acessar a rede, viu o registro dos relógios, celulares e computadores que passaram por ali. Sua internet conheceu Eles que ela nunca conheceria. No apartamento, encontrou a cama batida, a mesa riscada, o piso do banheiro desgastado, uma colher e uma faca herdadas da mãe além de uma cópia da chave desaparecidas. Como reparação simbólica, cobrou do vizinho as despesas com condomínio, internet e luz. Pediu também a colher, a faca e as chaves, caso Ele as encontrasse. Ele disse que estava colocando as capas dos travesseiros e a toalha de rosto para lavar. ela disse que pegaria na sexta. Ele a convidara para um café. À noite, Ele encontrou a faca e as chaves e subiu para devolver. Chegou com um pacote de dezesseis rolos de papel

higiénico e uma bucha de pia. ela disse que não precisava mas aceitou aquela reposição. Na quinta-feira, chegou um envelope. O nome era desconhecido. O vizinho também não sabia quem era. Na internet, o nome aparecia ligado a um profeta imigrante, uma empresa inapta e doze processos de despejo. Apenas uma infeliz coincidência. Ou, um aviso (em inglês: *omen*) do que a situação poderia ter sido. ela entregou o envelope ao zelador. Este constatou que o destinatário estava hospedado em outro apartamento. Ainda assim, o episódio mais estranho aconteceu no café. O vizinho convidara-a para visitá-lo na sexta-feira, às cinco da tarde. Ela não costuma confirmar. Na sua gramática, se está marcado, marcado está. Dessa vez, porém, ela confirmou. Teria, inclusive, chegado às cinco mas, por delicadeza, adiou dez minutos. Ele demorou alguns segundos para abrir. Estava acompanhado. Não havia cheiro de pão, nem manteiga derretendo. Não havia café. Ele disse que pretendia sair para comprar pão

italiano. ela disse que não precisava. Ele disse que as fronhas dos travesseiros e a toalha de rosto ainda não estavam lavadas porque a secadora estava quebrada. ela elogiou o apartamento do vizinho e conversaram quinze minutos sobre as dificuldades pelas quais Ele estava passando nas obras. Quando ela já estava saindo, Ele mencionou que tinha café instantâneo, caso quisesse. Novamente, ela disse que não precisava. Ele mostrou sua fechadura digital; ela comentou que, no dia anterior, havia comprado uma para o seu segundo apartamento. Ele ofereceu pagar; ela não aceitou. Mais tarde, Ele enviou um pedido de compra de panelas — compradas para si próprio— como prova final de que a possibilidade de servir o café existira. Seu segundo apartamento cumpriu uma função linguística, a de confirmar que diferentes pessoas conjugam os mesmos verbos em gramáticas diferentes. Em uma, dizer é fazer. Em outra, dizer é anunciar a possibilidade de. a menina,

mesmo já sendo professora, não percebera que Ele utilizava uma gramática distinta da sua. Tocar a campainha do próprio apartamento e um desconhecido abrir a porta é ser matriculada a fórceps em um curso intensivo. A mensalidade é bem cara mas serve para aprender. Depois do curso, tentando entender a teoria do tempo, tentou explicar a um amigo.

**AMIGO** - Nem o café existiu.

**ELA** - Para Ele, comprar panelas é anunciar a possibilidade de.

**AMIGO** - E, por que você não cobrou o aluguel, os reparos, a fechadura?

**ELA** - Porque usamos gramáticas diferentes.



Maria dos Santos é professora de línguas, formada em magistério, sociologia e política. Somada por todas as cidades onde morou, escolhe habitar São Paulo, onde escreve sobre memórias e realismo da interioridade em contexto social. Sua escrita afirma um lugar no mundo e celebra a vivência. Escreve com a lanterna da memória acesa, atravessando ausências, rastros e permanências.



*Myriam*  
*Abdelmoula*

# Minha humilde prece

Eu era um campo de batalha vivo na minha adolescência,  
Oriental por parte de pai  
Ocidental por parte de mãe  
Contudo, eu — espero — cresci para aceitar  
O melhor e o pior da minha vida de dois lados.  
Madura eu quero ser  
E aberta, e tolerante, e paciente,  
Dando a cada um o seu devido valor,  
E esperando receber o meu em troca!

Estrondos de guerras "distantes" ouvi ultimamente  
Distantes? Você está brincando! Bem... em um Pós-Mundo, deveriam ser.  
E, no entanto, havíamos prometido há não muito tempo  
Atravessar FRONTEIRAS... não havíamos?  
Se minha humilde experiência puder ser de alguma utilidade...

Acessos de raiva, de fato eu tive, quando o Pai impunha  
a nós, "meninas", sua supremacia masculina,  
ou mostrava desrespeito pela conduta ordeira da Mãe.  
Oh, a gloriosa bagunça do Oriente!

Mas acessos de raiva eu também tive quando a Mãe nos perseguia  
Para nos tornarmos lindas imagenzinhas — tão limpas, tão perfeitas  
Que pensávamos que iríamos simplesmente nos transformar  
Em alguns dos personagens que costumávamos ler na hora de dormir  
Quem quer se tornar uma imagem?

Oh, a gloriosa retidão do Ocidente!

No entanto, por trás daquelas queridas fachadas  
Batiam dois corações,

Refletiam-se duas mentes  
Que fundiram suas energias polares  
Na inexplicável alquimia do amor  
Que nutriam um pelo outro e por sua progênie.

Que a gloriosa bagunça do Oriente  
Seja matizada pelo rigor do Ocidente!  
Que a gloriosa retidão do Ocidente  
Dê lugar à efusão calorosa do Oriente!  
Que a compreensão mútua forje  
Um CÂNONE de bronze para a nossa humanidade comum.

Essa será a minha prece hoje.



Myriam Abdelmoula é franco-tunisiana, professora universitária de inglês e tradutora. Possui graduação em Letras Inglesas e Italiano.



*Paulo*  
*Nascimento*  
*Guerra*

## A mancha amarela

Glória nunca quis o nome de guerreira. Detestava essa palavra — a forma como as pessoas a diziam com admiração forçada, como se a doença fosse uma batalha que dependesse apenas da vontade de quem a travava. *Não sou guerreira*, dizia ela, com aquela voz calma que tinha para as verdades difíceis. *Sou apenas alguém que ama a vida com demasiada intensidade para a deixar ir facilmente.*

Perdeu a guerra na última quinta-feira de Novembro. Ele estava lá. Segurou-lhe a mão até ao fim e ficou ainda algum tempo depois, sentado na mesma cadeira, no mesmo silêncio, como se partir fosse uma forma de confirmar o que não queria confirmar.

O caderno ficou em cima da mesa de cabeceira, aberto na última página que ela tinha escrito. Três linhas apenas, com a letra já trémula mas ainda reconhecível — aquela forma dela de fazer o H maiúsculo, com um traço a mais que nunca soube explicar:

*Haia em Abril. O Mauritshuis. Quero ver a luz de Vermeer antes de já não conseguir ver nada.*

Ele ficou a olhar para aquelas palavras durante muito tempo. Não as leu apenas — habitou-as. Depois fechou o caderno com cuidado, como quem fecha uma porta que sabe que vai voltar a abrir.

Comprou o bilhete de comboio em Fevereiro.

• • •

O caderno tinha começado a existir numa tarde de Outubro, anos antes, numa livraria pequena perto de casa onde Glória tinha o hábito de entrar sem razão específica e sair sempre com qualquer coisa. Nesse dia saiu com um caderno de capa escura e com uma ideia.

*Vamos escrever as viagens que ainda não fizemos, disse ela no caminho de volta. Para não as perdermos.*

Ele achou estranho no início. Não era homem de cadernos nem de sonhos escritos — era mais de silêncios e de coisas concretas. Mas Glória tinha essa capacidade de tornar natural o que parecia excêntrico, e uma semana depois já ele também escrevia, primeiro com hesitação, depois com uma entrega que o surpreendia a si próprio.

Foram entrando no caderno, ao longo dos anos, Kyoto e Buenos Aires, uma aldeia no interior da Grécia cujo nome ela tinha ouvido numa entrevista de rádio, as ilhas Faroé porque tinha visto uma fotografia e não conseguia esquecer a luz. E Haia. Haia aparecia várias vezes, com letra dela, com referências a Vermeer, com datas e nomes de quadros e uma vez com uma passagem copiada de Proust sobre a morte do escritor Bergotte diante da Vista de Delft.

*Lê isto, tinha-lhe dito ela, numa noite de Inverno com chuva lá fora. Lê e diz-me se não é a coisa mais extraordinária que alguma vez leste.*

Ele leu. Era sobre um homem que vai ver um quadro e morre a olhar para uma mancha de parede amarela, fulminado pela perfeição daquele fragmento minúsculo de tinta sobre tela. Havia qualquer coisa naquelas linhas que não conseguiu nomear mas que ficou.

*Proust foi a Haia em 1902, disse Glória, como se estivesse a contar um segredo. Foi especialmente para ver este quadro. Ficou parado durante muito tempo e ninguém sabe exactamente o que sentiu. Mas ficou lá dentro de alguma forma, não ficou? Cem anos depois ainda estamos a falar dele diante daquele quadro.*

Ele olhou para ela — para a forma como os olhos lhe brilhavam ao dizer aquilo — e percebeu que estava a aprender uma língua nova. A língua dela. O mundo dela. Um mundo feito de luz e de tempo e de beleza que persiste.

*Um dia vamos lá, disse ele.*

*Um dia, concordou ela.*

• • •

O comboio parte de manhã cedo. Ele escolheu de propósito uma hora em que a luz ainda é incerta, aquela luz de início de dia que Glória dizia ser a mais honesta de todas. *De manhã cedo o mundo ainda não decidiu o que quer ser, dizia ela. É quando se vê melhor.*

Ele ocupa o lugar junto à janela. O caderno está no colo — não o tirou da mochila com intenção, foi a mão que foi lá buscar, como quem procura uma presença familiar. As esquinas estão gastas, a capa tem uma mancha clara do lado direito que nunca souberam de onde veio, e cheira a papel antigo e a qualquer coisa que já não consegue identificar mas que é dela, inequivocamente dela.

Abre numa página do meio. A letra dela, ainda firme desta parte:

*Vermeer pintava a luz como ninguém. Não a luz que ilumina as coisas — a luz que as revela. Há uma diferença enorme e quase ninguém a vê.*

Ele lê a frase duas vezes. Depois pega na caneta — a mesma caneta azul que ela usava, que ele encontrou no bolso do casaco

dela e não conseguiu deixar ficar — e escreve por baixo, na sua letra mais cuidada do que o habitual:

*Vou perceber por ti. Vamos perceber juntos.*

O comboio atravessa campos abertos. A luz lá fora muda a cada minuto, como se o céu estivesse a experimentar versões de si próprio. Ele olha e pensa que Glória teria tirado fotografias compulsivamente e depois não conseguido escolher nenhuma porque *todas têm qualquer coisa, dizia sempre, e eu não consigo deitar fora o que tem qualquer coisa.*

Vai escrevendo durante a viagem, de forma descontínua, como pensamentos que chegam sem ordem:

*Não sei bem o que faço aqui. Ou sei demasiado bem e tenho medo de o escrever. Vou ver um quadro que nunca precisei de ver até tu precisares de me ensinar a ver. Vou a uma cidade que não conheço mas que tu descreveste tantas vezes que sinto que já lá fui. Vou fazer uma viagem que era tua e que agora é nossa de uma forma que não sei*

*explicar mas que é a única forma que me parece verdadeira.*

*Proust foi sozinho. Eu também vou sozinho. Mas ele não levava ninguém no bolso do casaco.*

• • •

Haia recebe-o com um frio limpo e um céu que não consegue decidir entre o cinzento e o azul. As ruas são largas e os canais aparecem sem aviso, quietos e escuros, com reflexos que tremem levemente. Há pombos e turistas e o cheiro a canal que é igual em todas as cidades do norte, e ele caminha sem pressa, o caderno dentro do casaco junto ao peito — um gesto que não planeou e que só percebe quando já está feito.

Come alguma coisa num café pequeno perto do museu. A empregada fala inglês com um sotaque que lhe agrada sem saber por quê. Ele bebe o café devagar, olha para a rua, e pensa em Proust a caminhar por estas mesmas ruas em 1902, com o seu paletó e os seus nervos e a sua obsessão particular por aquele rectângulo

de tinta que o esperava a poucos minutos.

Paga o café. Levanta-se. Já é hora.

• • •

O Mauritshuis é menor do que imaginava. Mais íntimo, mais doméstico quase — um palácio que se tornou museu sem perder completamente a escala humana. Ele sobe

as escadas com uma calma que o surpreende, como se os pés soubessem o caminho ou como se o caminho não importasse tanto como o facto de o estar a fazer.

Passa por outros quadros sem os ver verdadeiramente — sabe que estão lá, sente a sua presença nas paredes, mas hoje não é o dia deles. Hoje é um dia de um quadro apenas.

A Vista de Delft está numa sala quase no fim.

Ele para à entrada. Não por hesitação — por respeito. Ou por medo. Ou por aquela mistura das duas coisas que acontece quando

chegamos a um lugar que carregámos durante tempo a mais.

Depois avança.

O quadro é maior do que esperava para Vermeer. E a luz — a luz não tem explicação possível. Glória tinha tentado de todas as formas: tinha-lhe mostrado reproduções em livros, no ecrã do computador, numa exposição sobre pintura flamenga a que foram uma vez; tinha sublinhado passagens, tinha lido em voz alta, tinha ficado em silêncio quando as palavras não chegavam. Mas a luz não se descreve nem se reproduz nem se empresta. A luz tem de ser vista.

É uma luz que parece vir de dentro das coisas.

Ele fica parado. Os outros visitantes existem algures na periferia — vozes baixas, passos cuidadosos, o ruído suave de um museu que sabe que guarda coisas frágeis. Mas aqui, neste ponto específico do espaço, há uma quietude que não é silêncio. É outra coisa. É o tempo a dobrar-

se sobre si próprio, talvez. É Vermeer e Proust e Glória e ele numa mesma tarde de Abril que pertence a todos os Abrils ao mesmo tempo.

Os seus olhos percorrem o quadro e encontram a mancha amarela.

É um fragmento de parede iluminada no canto — tão pequeno, tão preciso, tão absolutamente e inexplicavelmente perfeito que aperta qualquer coisa dentro do peito. Não compreende por que é que aquele pedaço de tinta muda tudo. Não consegue explicar. Mas sente — sente da forma como se sentem as coisas que são verdadeiras antes de serem compreendidas.

*Era isto, pensa. Era exactamente isto que ela queria ver.*

E então sente-a.

Não como aparição. Não como milagre de quem precisa de milagres. Como presença — como quando se entra num quarto onde alguém esteve há pouco e o ar ainda guarda o rastro

dessa pessoa, o espaço ainda tem a forma do seu corpo, as coisas ainda estão dispostas segundo a lógica dos seus gestos. Glória está ali, a seu lado, exactamente a seu lado, a olhar para o mesmo ponto de luz que Proust olhou mais de um século antes.

Ele não sabe se chora. Há qualquer coisa no rosto que pode ser lágrimas ou pode ser apenas o peso de ter chegado. Não importa.

Tira o caderno do casaco. Abre na primeira página em branco que encontra — e repara que é a página a seguir à última que ela escreveu, como se ela tivesse deixado espaço de propósito, como se soubesse. Pega na caneta azul.

Escreve devagar:

*Estamos aqui, Glória. Os dois, como sempre foi suposto. Vês esta luz? É exactamente como dizias que seria — uma luz que revela as coisas em vez de apenas as iluminar. Tens razão, como sempre tinhas razão em tudo o que me ensinaste a ver.*

*Proust esteve aqui. Ficou parado como eu estou parado. Não sei o que ele sentiu mas sei o que eu sinto, e talvez seja isso que a arte faz — não nos dá as mesmas emoções mas dá-nos o mesmo lugar onde as ter.*

*A mancha amarela é pequena e é perfeita e não consigo explicar por que me parte o coração de uma forma que não é triste. É outra coisa. É quase alegria.*

*Obrigado por me teres trazido aqui.*

Fecha o caderno. Fica mais tempo do que seria razoável diante do quadro — tempo suficiente para que outros visitantes cheguem e partam e ele continue ali, naquele ponto fixo, naquela tarde que pertence a todos os tempos.

Quando finalmente se afasta, fá-lo devagar, sem dar as costas ao quadro — como quem receia perder qualquer coisa que ainda está a acontecer. Como quem sabe que certas chegadas são também despedidas, e que as despedidas merecem ser feitas com cuidado.

Lá fora, o céu de Haia escolheu o azul.

E ele caminhou de volta pela cidade com o caderno junto ao

peito e a sensação — estranha e limpa e absolutamente certa — de que não ia sozinho.



Paulo Nascimento Guerra é escritor, fotógrafo e empresário português. Autor de *O Vendedor de Lágrimas* (2016), *Vida* (2025) e *O Lugar do Som* (2025), explora temas como a memória, a perda, a identidade e a condição humana. A sua escrita procura encontrar beleza, verdade e significado nos territórios mais silenciosos da existência.



*Rudá  
Américo  
Ribeiro de  
Oliveira*

# Da arte

Um muro de nuvens densas  
Põe na base do Ocidente  
Negras roxuras pretensas  
*Francisco Pessoa, Abat-Jour*

Aquelas nuvens passeavam pela noite enluarada (lembanças da varanda do apartamento de meu amigo Cid Aledi, na rua Timóteo da Costa, no Alto Leblon, de onde se admira os contornos do coração da Cidade Maravilhosa que é a lagoa Rodrigo de Freitas, enquanto que no céu verdadeiros espetáculos pirotécnicos se sucedem – como a cerimônia do casamento que certa noite uniu a Terra à Lua, esta sendo conduzida por um séquito de nuvens e estrelas a sustentar as pontas de seu vestido prateado ), avolumadas, gordas, algodoadas, gigantescas, peregrinas, impelidas pelo vento que sopra ininterruptamente. Admirar esta multidão celeste, a Via Láctea com seus filhos, a apontar na vastidão da noite o caminho de São Tiago, é como admirar um Velásquez, um El Greco, ou

algum desses encantadores impressionistas: Não admiramos apenas a obra de arte, mas o Artista por trás dela, o Criador que colocou a sua impressão digital em uma paisagem exuberante; assim o contemplar da Existência transforma-se num ato litúrgico.

“O artista é o criador de coisas belas. Revelar a arte e ocultar o artista é a finalidade da arte.” Diz Oscar Wilde em seu famoso prefácio de “O Retrato de Dorian Gray”. Assim Deus se oculta, humilde, em Suas obras.

A Arte é sagrada. A Arte é divina. Ela tem a capacidade de perpetuar o homem que, mesmo depois de desaparecido, permanece vivo no interior daquele que lê um livro, admira um quadro, uma escultura,

ouve uma sinfonia ou um quarteto de cordas...

A Arte é também um todo único as várias artes se interpenetram, como numa cópula.

Um pintor pode terminar a leitura de um livro e dessa leitura pode nascer um belo quadro.

Um poeta, um romancista, podem admirar um belo óleo e a partir daí nasce um poema ou um romance.

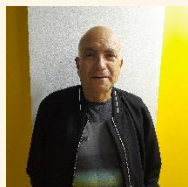
Um compositor pode dar à luz uma grandiosa partitura baseada num poema, numa novela, num romance, numa peça teatral ou num quadro – basta pensarmos em Tchaikovski após ler Romeu e Julieta e o Canto V do “Inferno” de Dante; em Liszt com sua “Sinfonia Dante”; em Giuseppe Verdi com Macbeth, Otelo e Falstaff, personagens de Shakespeare transpostos para o universo operístico; ou Musorgsky na descrição da arte pictórica em “Quadros de uma Exposição”. Um pintor ou escritor pode criar ao som do “Concerto de Violino” de

Tchaikovski ou de uma das “Arabesques” de Claude Debussy: ele faz a caneta, as teclas do computador ou o pincel deslizarem segundo o viajar das notas musicais que os toma e os possui, como numa psicografia.

Não há melhor personificação da união das diversas artes que o Cinema, essa Sétima Arte onde todas as manifestações culturais do homem vão desaguar – a Literatura sob a forma do Roteiro; a Música nas partituras da Trilha Sonora; as Artes Plásticas na Direção de Arte, na construção e decoração dos sets; o Teatro no Cast de atores, na Iluminação e na Direção, realização tardia do sonho wagneriano de transformar uma determinada manifestação artística - no caso do autor do “Tanhauser” – em um gigantesco estuário.

Conheço uma família de engenheiros cujo filho caçula não seguiu pelo caminho do PATER FAMILIAS. É Fotógrafo. Sua objetiva capta praias desertas e paradisíacas, as profundezas dos oceanos com sua vida exótica e

bela, os monumentos das cidades coloniais brasileiras, com uma beleza e sensibilidade que o tornam um Gauguin da fotografia. Sua obra, publicada em volumes, já o imortalizou acima de todos os arranha-céus projetados e edificadas pelos familiares. Esses prédios poderão ser um dia demolidos para ceder lugar a outros mais modernos, como eles destronaram o casario antigo das cidades; entretanto, as fotografias estampados em seus livros, permanecerão eternamente, ainda que se percam a exemplo dos manuscritos da Antiguidade, como por exemplo a maioria das comédias de Aristófanes, pois os sebos serão para eles o que Champollion foi para a Pedra da Roseta, preservando, guardando, “embalsamando” a sua obra para a posteridade, como hoje sucede com os instantâneos com que



Rudá Américo Ribeiro de Oliveira, nascido a 29/12/1958 em Vitória, ES, é morador de Copacabana, RJ, desde os três anos de idade. Formado em Jornalismo pela FACHA em 1986. Funcionário público. Atualmente aposentado e vivendo em Araruama, na Região dos Lagos.

Marc Ferrez e Augusto Malta imortalizaram o Rio Antigo cada vez mais amortalhado.

A Arte é transcendente.

Conhecia-a pela mão de meu Virgílio: minha mãe.

Nas noites silenciosas e frias de inverno nos sentávamos em nossas poltronas para ler nossos autores preferidos. Ela, com seu eterno Balzac, ou Proust, lançados pela Editora Globo, ou com seu volume pesado com gravuras de Doré da Commedia de Dante. Eu, com a série de Tarzan com traduções lendárias de Monteiro Lobato ou Godofredo Rangel ou com as aventuras de Alexandre Dumas e Júlio Verne. E na vitrola, acompanhando tudo como uma trilha sonora, um LP com músicas eruditas.



*Telma Salesa*

# Alegria do mar

Observando as ondas do mar

Com sua bravura, parecendo uma nevasca nos Alpes em sua brancura. Já existente bailarem indo... e... vindo de um lado para outro indo... e... vindo

Formando espumas reluzentes.

Numa cor perolada bem vibrante e feliz

Mas a qualquer momento chega a escuridão

Tornando-se numa negritude totalmente num breu. Onde os pescadores, com seus barcos equipamentos de pesca

Trazem animais marinhos.

Para abastecimento alimentar de toda comunidade. As estrelas celestiais numa noite iluminada

São tão brilhantes no firmamento, parecendo felizes na mais bela comemoração.

Prateada nas pequenas e longas alturas

Vejamos tantas alegrias existem nessa imensidão em profundidade e extensão.

Porém, ela quer obediência ao meio ambiente.



Telma Salesa Santana da Silva é engenheira ambiental, professora universitária, conselheira vitalícia do Clube de Engenharia, poeta e escritora. É integrante da APPERJ (Associação de Profissionais e Poetas do Estado do Rio de Janeiro).



*Youssef  
Bouguerra*

# Despedaçado

Tinha medo de parar. Parecia impossível.

Empurrei o projeto com a barriga por muitos anos. O doutor disse que precisava parar de bater nele; continuei mesmo assim. Com medo, mas continuei por mais um tempo.

As coisas começaram a piorar. Pequenos sinais no início: irritação na pele, tremores, exames alterados...

Depois foi o fundo do poço. Gastava tudo que tinha, chamava por companhia no meio da noite, e os exames ficavam mais alterados.

Ah! A companhia no meio da noite... As companhias no meio da noite, as marginais, o combate à solidão. Festas artificiais, entorpecidas. Mesmo assim, não parava.

De dia, tocava saxofone sem parar. Era meu jeito de aguentar quando sabia que na manhã

seguinte, o inferno me esperava. De noite, era outra história. Foram muitas, mas no fundo todas tinham algo em comum. Todos nós queríamos alguma coisa. E eu continuava. Continuava porque tinha medo de parar.

Era um medo parecido com o medo que ainda tenho de voltar pra Tunísia, meu país de nascimento. Um medo abstrato, de não me reencontrar, de me sentir mais despedaçado ainda. A Tunísia da minha infância era gostosa. Hoje, vivendo no Brasil, a milhares de quilômetros de lá, não sei mais que gosto ela tem. Na Tunísia da minha infância, tinha muitas coisas. Tinha o sol e o mar. Os cheiros de especiarias. Tinha turistas deambulando de biquíni na praia. Eu gostava de andar de bicicleta. Em casa, a gente falava francês. As guerras explodiam mundo afora e minha fé foi junto. Não sei de que deus estou falando, pois estou confuso com minhas origens. Na família, a

gente dizia que tinha sangue misturado, tunisiano e francês. Quando me mudei pra França depois, alguém me perguntou: como pode ser francês se seu nome é Youssef?

Fugi da Tunísia pra França. Paris. Fugi do árabe pro francês. Quando não dava mais, fui pra Inglaterra. Me senti bem por um tempo. Agora era o inglês. Comecei a frequentar os pubs. Um dos meus preferidos era o Bullfrog. Horas e horas gastas lá. Dinheiro também. Acordei um dia num quarto de hotel no coração de Londres. A menina tinha saído antes. Deixou a metade do valor da diária.

Alguns anos depois, tive que partir. Era inevitável. Deixei meu apartamento de Baker Street, e fui pra Buenos Aires. Agora é o espanhol. Foi por um curto período, mas o suficiente para me arrepiar com o som do tango nas ruas. Lembranças de Paris, as longas caminhadas nos arredores de Notre-Dame. O vento que saía da grelha de ventilação quando passava na esquina da Rue Saint-Jacques. Batia na minha calça,

sempre no mesmo lugar, e sempre me pegava de surpresa. Em Buenos Aires, andava com a Lorena que tinha conhecido num bar. Ela tinha um namorado. Quando ela me pediu compromisso, fugi.

Fugi pro Rio de Janeiro. Agora é o português. Minha filha nasceu, e eu continuei mesmo assim. Num quiosque da praia de Copacabana, tomando um chopp, ouvi um trecho de forró instrumental tocar. Um forró daqueles antigos. Chorei. Estava sozinho.

Tunes. Paris. Londres. Buenos Aires. Rio de Janeiro. Fui fugindo de país em país, de cidade em cidade, de língua em língua.

Depois do Rio, voltei pra Londres por um tempo. Naquela época, tomava cidra, era mais forte do que cerveja, e mais pro meu gosto. Quando me deixavam entrar, passava a noite no Road House. De vez em quando, saía acompanhado. Mas geralmente voltava pra casa sozinho.

Descobri que tinha um bar brasileiro lá, o Guanabara. Virou meu ponto fixo. A música brasileira, com suas síncopes e sua genialidade, não saía dos meus ouvidos.

A saudade bateu, da minha filha, do jeito brasileiro de viver, das casas que frequentava. Da solidão à brasileira. Fugiu mais uma vez, pra Recife dessa vez. Na Sala de Reboco, tocava aquele forró pelo qual tinha me apaixonado no Rio anos antes. Uma noite dessas, conheci uma garota. Ela me ensinou que “não” pode querer dizer “sim”. Me ensinou o significado de “homem 0800”. E fiquei sabendo que as mulheres têm uma grande vantagem sobre os homens: como usam salto alto, não precisam pisar no mijo no chão dos banheiros públicos.

Enquanto isso, eu continuava.

Tunes. Paris. Londres. Buenos Aires. Rio de Janeiro. Londres. Recife. Fui fugindo de país em país, de cidade em cidade, de língua em língua. Depois teve São Paulo, Porto Alegre e Canoas. Nasceu meu filho e decidi ficar.

Mas continuei.

Quando precisei fugir, me refugiei na música. Depois do árabe, do francês, do inglês, do espanhol e do português, veio a música. Comecei a tocar e tocar, sem parar. Quando anoitecia, largava o instrumento e bebia sozinho em casa. A Larissa foi outra. Ela tinha um segredo que eu sabia. Seu corpo era uma fronteira que eu atravessava sem passaporte. Embriagado até o fundo da alma, não via que estava gastando dinheiro por uma ilusão.

A pele ficou mais irritada, os tremores se intensificaram, os exames cada vez mais alterados. Certa noite, desmaiei e bati a cabeça.

Muito sangue. Mesmo assim, continuei.

Na minha síncope, Lorena, a menina argentina, andava de biquíni e salto alto no Mediterrâneo. Ela falava inglês. O ar tinha cheiro de cominho. E eu, que ainda continuava bebendo, me sentia livre.

Tinha medo de parar.



*O amor é o espaço e o  
tempo tornados  
sensíveis ao coração.*

Marcel Proust

# Amor que se faz

Amar verbo transitivo direto  
Sem vergonha sem medo  
Verbo transitório  
Transigente mexe com a gente  
Com o amor que se faz

\*\*\*

Amor que transborda  
Bom dia ofegando quando toca  
Longas conversas translúcidas  
Conto meu segredo me conta o teu  
No amor que se faz

Amor que transcende  
Alma em transe corpos transpirando  
Vem me visitar em Montenegro  
Pele arrepiada  
Com o amor que se faz

Amor que transporta  
Ao inferno ao buraco negro  
Transgrede nosso pacto de lealdade  
Cego vejo traindo  
O amor que se faz

Amor que transita  
Do beijo pro soco  
Rato de laboratório cachorro  
Obedeça ou morra  
Amor que se faz

Amor que transfigura  
Que se faz de bobo  
Viva no meu mundo cego  
Cuidado eu sei teu segredo  
Do amor que se faz

Amor que transmuta  
Paixão em angústia orgulho em miséria  
Foi pro hospital adeus  
A culpa é tua  
Amor que se faz

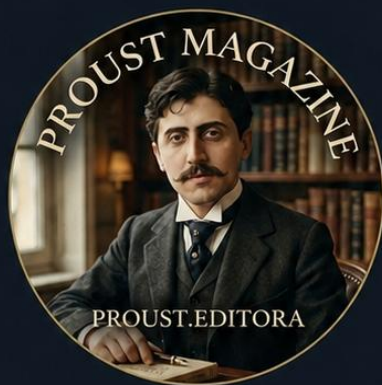
Amor que transfixa  
Volta pros meus braços  
Aparece do nada é tudo  
Menos transparente  
Amor que se faz

\*\*\*

Amar verbo definitivo  
Apaga essa vergonha  
No lugar de transar  
Faça amor  
Aquele amor que não se faz mais



Youssef Bouguerra nasceu na Tunísia, vive no Brasil e já morou em diferentes países e cidades ao longo da vida. Sua escrita transita entre autobiografia, errância e ficção existencial, explorando temas como identidade fragmentada, pertencimento e deslocamento cultural.



—◆—

“ O único verdadeiro  
paraíso é o paraíso  
que se perdeu. ”

MARCEL PROUST

—◆—



[www.proustmagazine.org](http://www.proustmagazine.org)



[@proust.editora](https://www.instagram.com/proust.editora)